



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ARIADINE CRISTINE GONÇALVES RIBEIRO

QUERENDO OU NÃO A GENTE SE EXPRESSA: GÊNERO, SEXUALIDADE E
LGBTFOBIA NO COTIDIANO ESCOLAR DE JOVENS LGBTQIA+
TERESINENSES

FORTALEZA

2023

ARIADINE CRISTINE GONÇALVES RIBEIRO

QUERENDO OU NÃO A GENTE SE EXPRESSA: GÊNERO, SEXUALIDADE E
LGBTFOBIA NO COTIDIANO ESCOLAR DE JOVENS LGBTQIA+ TERESINENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R367q Ribeiro, Ariadine Cristine Gonçalves.
QUERENDO OU NÃO A GENTE SE EXPRESSA : GÊNERO, SEXUALIDADE E LGTBFOBIA NO
COTIDIANO ESCOLAR DE JOVENS LGBTQIA+ TERESINENSES / Ariadine Cristine Gonçalves
Ribeiro. – 2023.
95 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. LGTBfobia. 4. Educação. I. Título.

CDD 301

ARIADINE CRISTINE GONÇALVES RIBEIRO

QUERENDO OU NÃO A GENTE SE EXPRESSA: GÊNERO, SEXUALIDADE E
LGBTFOBIA NO COTIDIANO ESCOLAR DE JOVENS LGBTQIA+ TERESINENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes

Aprovada em: 29/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes
(Orientadora/UFC)

Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
(Examinadora/UFC)

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
(Examinador/UFCG)

AGRADECIMENTOS

Esse processo de construção da pesquisa não foi fácil, mas tive muito apoio e pretendo estender meus agradecimentos a todos e todas que de alguma forma contribuíram para que eu conseguisse seguir com a pesquisa em momentos de incerteza e insegurança.

Agradeço a minha família e amigos, em especial minha irmã Agnis e minhas amigas de infância Ster Sâmia e Maria Juliana, que me ouviram falar muito sobre a minha pesquisa sempre apoiando. A meus amigos da graduação Daniel, Ched e Maria Paula que leram e incentivaram muito. Ao Bruno e Renan, amigos queridos que tornam tudo mais leve.

Sou muito grata por ter tido a oportunidade de fazer parte do programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal do Ceará, foi a realização de um sonho ser aluna dessa instituição e do programa.

Ir para Fortaleza só foi possível devido à bolsa de incentivo à pesquisa FUNCAP, que foi essencial para que pudesse me manter longe de casa. Aproveito para destacar a importância que esse incentivo tem para quem se dedica à pesquisa.

Agradeço a todos os professores que tive o prazer de conhecer e com os quais pude aprender muito. Especialmente a minha orientadora, Prof. Monalisa Soares Lopes, por ser uma pessoa gentil, paciente, ter apoiado, contribuído e auxiliado a construir e prosseguir com a pesquisa. Agradeço também meu orientador da Graduação Professor Luciano de Melo Sousa por ser um grande apoiador e incentivador da vida acadêmica dos seus eternos orientandos.

A família xixiki, que foi muito importante para mim nesse período longe de casa. Moramos juntos durante todo o isolamento social, compartilhando afeto, cuidado e apoio. Obrigada Thays, Férmin, Alejandra, Marcos, Ádyla e Roberto por juntos fazermos nosso paraíso perdido de xixiki, por terem tornado o isolamento social longe da família menos difícil. Sempre lembrarei com carinho e gratidão dessa época.

Aos jovens que participaram da pesquisa e contribuíram para sua construção, sem os quais nada disso seria possível disponibilizando seu tempo para entrevistas.

Por fim agradeço aos professores que compuseram a banca de qualificação e agora de defesa desse trabalho: Cristian Paiva Saraiva, pelas contribuições na qualificação, e

Prof. Alexandre Martins Joca e Prof. Danyelle Nilin por dedicarem seu tempo na leitura e trazer suas impressões e sugestões essenciais para o aprimoramento do trabalho.

“Queria que o amor conquistasse tudo. Mas o amor não conquista tudo. Ele não pode fazer nada sozinho. Ele depende de nós para conquistar em seu nome.” (LEVITHAN, 2013, p. 198).

RESUMO

Depois da família a escola é reconhecida como uma importante instituição para a socialização dos indivíduos à sociedade. Nela se encontram reunidas uma multiplicidade de identidades e subjetividades, entretanto, historicamente não se demonstra disposta a lidar com a diversidade que reúne, mas assimilá-la no processo de escolarização (LOURO, 1997). O presente trabalho pretende realizar uma análise sobre gênero, sexualidade e LGBTfobia no ambiente escolar, refletindo sua dinâmica relacional na construção e reprodução de preconceitos que marcam a trajetória de estudantes que não correspondem às normas de gênero e/ou sexualidade. Investiga-se a ambientação escolar na perspectiva de estudantes com o objetivo de perceber, a partir das narrativas das vivências de jovens LGBTQIA+, como o ambiente escolar teresinense pode ser hostil ou acolhedor àqueles que não correspondem à heterossexualidade. Trata-se, dessa forma, de pensar o espaço que esses jovens ocupam na escola. Busca-se verificar a construção do gênero como social e cultural e os padrões de normalidade que são apreendidos na escola, bem como as expressões de violência que ocorrem devido à intolerância. Refletir a reprodução dos marcadores de diferença embasados na noção de gênero binário sexuado. Como a presente pesquisa foi realizada em período de pandemia da Covid-19, não houve contato direto com os/as estudantes, sendo utilizados mecanismos digitais como ferramentas para realizar esse diálogo. Foi feita uma análise dos dados colhidos junto aos estudantes sobre suas experiências na escola, com o intuito de perceber, a partir de seus relatos, os indicadores da LGBTfobia no ambiente escolar. Verificou-se que os/as jovens tem um entendimento da diversidade de gênero e reconhecem que as normas de gênero e homofobia se relacionam. Observa-se que há um movimento entre os estudantes LGBTQIA+ de autoafirmação na escola em que buscam reivindicar seu direito de (r)existir nesse espaço. Além disso, nota-se que houve uma mudança em relação à percepção da violência, se antes era mais perceptível, agora se encontra menos explícita, de forma que passa algumas vezes despercebida pelos estudantes.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; LGBTfobia; Escola.

ABSTRACT

After the family, the school is recognized as an important institution for the socialization of individuals to society. In it, the multiplicity of identities and subjectivities are gathered, however, historically they have not been willing to deal with the diversity that it gathers, but to assimilate it in the schooling process (LOURO, 1997). The present work intends to carry out an analysis on gender, sexuality and homophobia in the school environment, reflecting its relational dynamics in the construction and reproduction of prejudices that mark the journey of students who do not correspond to gender and/or sexuality norms. The school environment is investigated from the perspective of students in order to understand, based on the narratives of the experiences of LGBTQIA+ young people, how the school environment in Teresina can be hostile or welcoming to people who do not correspond to heterosexuality. It is, therefore, about thinking about the space that these young people occupy at school. It seeks to verify the construction of gender as social and cultural and the standards of normality that are understood at school, as well as the expressions of violence that occur due to intolerance. Reflecting on the reproduction of markers of difference grounded in the notion of sexed binary gender. As it has presented a research of faith carried out during the period of the Covid-19 pandemic, there was no direct contact with the students, digital mechanisms being used as tools to carry out this dialogue. An analysis was made of the data collected from the students about their experiences at school, with the aim of perceiving, from their reports, the indicators of homophobia in the school environment. It was found that young people have an understanding of gender diversity and recognize that their expressions are related to homophobia. It is observed that there is a movement among LGBTQIA+ young people of self-affirmation at school in which they seek to claim their right to (r)exist in this space. In addition, it is noted that there has been a change in relation to the perception of homophobia, if before it was more expressed, now it is found less explicitly, so that it sometimes goes unnoticed by the students.

Keywords: Gender; Sexuality; LGBTphobia; School.

Eu morri a pauladas na rua

Ítalo Lima

Eu morri a pauladas na rua
quando andei de mãos dadas com meu namorado
eu morri a pauladas na rua
quando minha risada ultrapassou o som dos carros
eu morri a pauladas na rua
quando dancei livre na calçada
eu morri a pauladas na rua
quando saí de salto alto de casa
eu morri a pauladas na rua
quando nos lábios usei batom
eu morri a pauladas na rua
quando alguém julgou que eu exagerei na maquiagem
eu morri a pauladas na rua
e peço desculpas por ter sujado a calçada do vizinho
eu morri a pauladas na rua
e o último gosto que senti na boca foi do meu próprio sangue
eu morri a pauladas na rua
era uma terça, mas poderia ser quinta, segunda
eu morri a pauladas na rua
poderia ter sido nunca
eu morri a pauladas na rua
e com trinta segundos perdi a visão do meu olho esquerdo
em um minuto e doze minha mandíbula saiu do lugar
eu morri a pauladas na rua mas não chorei
não porque sou forte ou coisa do tipo quem sabe pode ter sido, assim, tão de repente
eu morri a pauladas na rua
porque meu afeto incomodou a vizinhança

eu morri a pauladas na rua
e a esquina inteira fez silêncio
eu morri a pauladas na rua
e minha mãe até hoje me espera para a janta.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I – Charge sobre binarismo de gênero do cartunista Ribs, 2016.....	27
Imagem II – Charge sobre ideologia de gênero do cartunista Ribs 2016.....	44
Imagem III – Tabela retirada da Pesquisa Nacional Juventudes e Sexualidades, UNESCO, 2004.....	57
Imagem IV – Imagem de autoria própria, 2023.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	21
2.1 Os sujeitos da pesquisa.....	22
2.2 Procedimentos e instrumentos da pesquisa	24
3 ENTRE GÊNEROS E SEXUALIDADES	27
3.1 Os caminhos abertos pelo debate de gênero	27
3.2 Sexualidades plurais	31
3.3 Pensar o gênero social e cultural.....	33
4 GÊNERO, SEXUALIDADE E LGBTFOBIA NA ESCOLA	44
4.1 Ser diferente na escola.....	44
4.2 Binarismo, heteronormatividade e LGBTfobia.....	46
4.3 As meninas são frágeis e os meninos não choram: Lgbtfobia na escola	49
4.4 LGBTfobia a partir da análise de dados de pesquisas sobre ambientação escolar	55
4.5 A observação da dinâmica de jovens LGBTQIA+ na escola	61
5 (R)EXISTIR NA ESCOLA: PERSPECTIVA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA	65
5.1 Perspectiva dos jovens sobre gênero	65
5.2 Na escola tem diversidade: o protagonismo dos jovens LGBTQIA+.....	67
5.3. Não existe mais LGBTfobia na escola?	69
6 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	80
ANEXO I - ENTREVISTAS	83
ANEXO II- TERMO DE CONSENTIMENTO	96

1 INTRODUÇÃO

Desde 2016 pesquisa sobre a temática de gênero, sexualidade e LGBTfobia¹, devido a incômodos, principalmente por se tornar nítida uma movimentação conservadora que se sente cada vez mais a vontade para expressar seus preconceitos, exigindo dos outros que se submetam e se adequem à visão de mundo que possuem. Houve avanço nos discursos de intolerância em relação à diversidade e afirmações racistas, homofóbicas, transfóbicas, ou que sugerem a agressão de outras pessoas tendo o preconceito como motivação, passaram a ser vistas como expressão de autenticidade sem nenhum constrangimento. Na graduação, ao refletir sobre isso percebi e encontrei na literatura a noção de que a escola é o centro para onde se voltam todos os olhares, regulações, intervenções, e nesse momento isso se dá de forma muito mais intensa, pois dela se espera o futuro da sociedade e obviamente os setores mais conservadores esperam que o futuro não seja diferente.

No período que precedeu a campanha eleitoral presidencial de 2018 até o momento atual as escolas sofreram interferências da sociedade no sentido de não permitir algumas discussões no que se refere a gênero, sexualidade, LGBTfobia, racismo, etc. Isso se deve às fake news propagadas com o intuito de alcançar e mobilizar pessoas desinformadas e preconceituosas, além de projetos legislativos sobre o tema (Escola sem partido). Muito se falou nas redes sociais nesse período sobre doutrinação de alunos, algo que recai principalmente sobre os professores das áreas de humanas que lidam com as discussões que envolvem as relações sociais, a forma como a sociedade se organiza, as visões de mundo. Dessa forma, alguns passaram a ser inimigos do conhecimento nesse período, e o conhecimento é justamente o que combate essas formas de preconceito, violência e opressão.

Com a pandemia da COVID-19² iniciada em 2020, o Brasil foi um epicentro em poucos meses devido, principalmente, à má gestão da crise sanitária, desorganização e ao

¹ A maior parte da bibliografia utilizada e os próprios participantes da pesquisa utilizam o termo “homofobia” que ainda é bastante utilizado e possui uma abrangência geral e que não vai ser modificado na escrita. Entretanto por conta das discussões que são realizadas em relação à necessidade de pontuar e coloca em discurso as diversidades abrangidas pelas siglas e que as formas de violência são diferentes para cada grupo que representa cada letra, é importante no posicionamento que essa pesquisa possui, enaltecer essa colocação e representação através da abrangência que representa. Devido a isso utilizaremos na discussão o termo LGBTfobia.

² A pandemia da COVID-19 começou na cidade de Wuhan, na China e rapidamente se espalhou para o mundo. Em janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Em março de 2020 o isolamento social foi necessário por conta do contágio rápido, nesse momento foram escancaradas todas as desigualdades sociais. A pandemia afetou a sociedade em diversos níveis. A OMS decretou o fim da pandemia em 5 de maio de 2023. No mundo foram 14,9

negacionismo do governo, contrariando as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde). Diante desse contexto, a educação precisou ser retomada online e durante esse período permaneceu o interesse ainda de fiscalizar e garantir que as discussões da escola não fugissem do roteiro. Ouvi relatos de professores de que alguns pais acompanhavam os alunos fiscalizando a “doutrinação” em suas aulas. Houve o relato de um professor de uma escola privada de Fortaleza - CE, que havia falado sobre as expressões artísticas durante o período de ditadura militar e um pai ficou incomodado e instruiu o filho a discutir com o professor sobre o uso do termo “ditadura”. Dessa forma, esses olhares reguladores ficaram mais próximos e intensos.

A isso se deve a dificuldade em encontrar participantes para a pesquisa, pois em relação a menores de idade em idade escolar, além da dificuldade em querer falar a respeito das suas questões pessoais e vivências ainda tem a barreira da família que não aceita ou da escola que não permite em seu espaço essas discussões. Enquanto professora da educação básica e pesquisadora de gênero e sexualidade sempre observo o ambiente escolar em busca de analisar essas questões e levar a discussão para a escola. Em uma escola do Estado em Teresina me foi pedido um projeto, fiz uma proposta de realizar uma atividade de conscientização e discussão sobre LGBTfobia na escola na semana do orgulho de ser que ocorre desde 2005 em Teresina entre agosto e setembro e escola onde então trabalhava recusou a proposta.

Então algumas dificuldades se apresentam e serão expressas na amostra de participantes da pesquisa. Para tentar “minimizar” a dificuldade de amostra temos uma representatividade na diversidade entre os participantes.

A escola sendo um espaço que não é neutro e constituído numa realidade histórica, cultural, social, essas situações são comuns e frequentes no que se refere a ela. Não se nega a possibilidade de abertura e diálogo, um processo que vem sendo cobrado pelos movimentos e alguns setores sociais de que a escola precisa se abrir para as discussões pertinentes à sociedade. Não é impossível o diálogo sobre gênero, sexualidade e LGBTfobia. A nova geração de jovens LGBTQIA+ que estão presentes na escola e que tem contato com discussões através do acesso à internet pelas redes sociais, televisão, streaming (algo que faz parte do consumo dos jovens), etc. Isso passa a ser uma exigência dos próprios alunos. A

intolerância, a violência, não deixa de fazer parte do cotidiano, entretanto, há um movimento de enfrentamento por parte dos alunos, bem como também uma possível diferença na forma de percepção das intolerâncias cotidianas.

A instituição escolar é um espaço social que reúne uma multiplicidade de identidades e subjetividades, no entanto, isso não significa que preconceitos e/ou violências estejam excluídos desse ambiente. Quando falamos de LGBTfobia, observamos que essa violência marca a trajetória de estudantes LGBTQIA+, fortalecendo desigualdades que interferem no direito à educação. A Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+³: Discriminação e Violência, realizada pelo Instituto Todxs, identificou que sete em cada dez estudantes LGBTI+ consideram arriscado declarar sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. A escola, desse modo, representa um local de insegurança para esse grupo. A visibilidade que as questões de gênero e sexualidade vêm ganhando atualmente possibilita a emergência de informações e práticas que buscam mudar um pouco esse cenário. Considerando que o conhecimento é uma importante ferramenta no processo de desconstrução de preconceitos, a escola precisaria assumir um protagonismo nessa promoção de um ambiente acolhedor e respeitoso às diversidades que engloba.

Tomando como pano de fundo essa relação de jovens LGBTQIA+ com o contexto escolar, propomos reflexões que nos auxiliem a entender as relações (de acolhimento e de violência) que se estabelecem no interior da escola e que são perpassadas pelas normas de gênero e sexualidade. O objetivo deste estudo, portanto, é compreender, a partir das narrativas das vivências de jovens LGBTQIA+, como o ambiente escolar pode ser hostil ou acolhedor àqueles/as que não correspondem à norma heterossexual. Para isso, foi levantada a seguinte questão problema: Como os/as estudantes percebem e vivenciam suas trajetórias escolares a partir de sua identidade de jovens LGBTQIA+?

A presente pesquisa aborda as relações entre gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola. O interesse em realizar uma pesquisa nessa temática surgiu a partir de dois perspectivas, uma social e outra pessoal. Primeiramente como a LGBTfobia se faz presente em nossa sociedade e faz parte de uma estrutura social que impõe normas de se comportar, de vestir, de amar e que são aceitas e se relacionam com a ideia de segredo e vai percorrendo diversas esferas sociais de forma a ser uma análise social importante para entender de onde

³ Disponível em: <<https://todxs-site.s3.amazonaws.com/pesquisa-nacional-por-amostra-da-populacao-lgbti-discriminacao-e-violencia.pdf>>. Acesso em 07 ago. 2023.

surtem e como essas formas de naturalidade e violência se estabelecem como normas consentidas socialmente. Em segundo lugar o incômodo com a naturalização e consentimento social em relação às violências físicas, verbais e simbólicas que ocorrem contra jovens LGBTQIA+ no espaço da escola, motivadas por LGBTfobia. Essa violência interfere diretamente no direito à educação.

Na Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016⁴, 31% dos alunos relataram ter faltado por insegurança e constrangimento, exposição a comentários preconceituosos que partem de alunos e professores. De acordo com a pesquisa 72,6% já foram verbalmente agredidos por causa da orientação sexual e 68% por conta da identidade de gênero. O que leva ao baixo desempenho, faltas à instituição educacional, evasão escolar e sensação de não pertencimento. Tais consequências sugerem a importância e urgência em dialogarmos sobre a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais na escola, como forma de visibilizar os/as sujeitos/as e buscar formas de combater LGBTfobia, tornando esse espaço mais acolhedor.

Ao rememorar minha trajetória enquanto estudante do ensino fundamental e médio, percebi que não havia muitas pessoas que expressavam uma identidade que não se encaixava nas normas de gênero e sexualidade. Quando alguém se colocava mais em evidência, agindo de forma considerada diferente, automaticamente se tornava alvo de gozações, piadas, ridicularizações, inclusive por parte de professores e demais funcionários. Após a conclusão do Ensino Médio, algumas pessoas expressaram sua sexualidade e identidade de gênero. Hoje percebo que não é que não existissem diversidades na escola, mas por conta do medo de rejeição, das violências às quais provavelmente seriam submetidos, ao observar o que acontecia com outros, muitos se mantiveram em silêncio. Dessa forma, para essas pessoas identificar-se como LGBTQIA+ só foi possível ao sair da escola.

A escolha de realizar a presente pesquisa se deve à continuidade do trabalho realizado para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Piauí -UESPI⁵, minha primeira aproximação com as narrativas de memórias de jovens LGBTQIA+ de Teresina sobre as violências motivadas por LGBTfobia na escola.

⁴ Na Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil de 2016, 31% dos alunos relatam ter faltado por insegurança e constrangimento, exposição a comentários preconceituosos que partem de alunos e professores. De acordo com a pesquisa 72,6% já foram verbalmente agredidos por causa da orientação sexual e 68% por conta da identidade de gênero. O que leva ao baixo desempenho, faltas à instituição educacional, sensação de não pertencimento;

⁵ Título da pesquisa: Homossexualidade na escola: memórias de violências vivenciadas por jovens LGBTI+ em Teresina. Orientada pelo Professor Dr. Luciano de Melo Sousa. Defendida em Janeiro de 2019.

Os/as sujeitos/as da pesquisa evidenciaram que a escola para eles se apresentava como um espaço no qual não deveriam estar presentes. Relataram situações de violência física e verbal que relacionavam gênero e sexualidade. A partir disso, foi possível construir algumas reflexões sobre as situações que as pessoas entrevistadas relataram de suas experiências escolares. Algumas situações de LGBTfobia, trazia a sua base na relação gênero binário-heterossexualidade. Como por exemplo, identificar o menino como “bicha” ou a menina como “macho fêmea”, no sentido de presumir a homoafetividade a partir da não correspondência às expectativas de gênero e a própria LGBTfobia se expressando em relação a características do gênero binário.

A partir dessa pesquisa, senti necessidade de aprofundar as investigações sobre a dinâmica relacional entre gênero, sexualidade, educação e LGBTfobia para compreender as experiências de preconceitos e estigmas em relação à homossexualidade vividas por jovens no ambiente escolar. A LGBTfobia no espaço escolar se relaciona com o gênero a partir dos marcadores de diferença entre os comportamentos identificados como feminino e masculino. Desse modo, faz-se necessário perceber a ambientação escolar a partir das experiências dos sujeitos da pesquisa, ao refletir o binarismo de gênero e sua influência no controle dos corpos e de suas expressões de sexualidade.

Gênero e sexualidade são conceitos diferentes, mas interdependentes, de forma que a LGBTfobia é um preconceito social que faz parte de um conjunto de ideias relacionadas ao gênero que estabelece a heterossexualidade como norma (BENTO, 2010). Desse modo, garantir que os corpos ajam de acordo com o gênero atribuído envolveria a produção da heterossexualidade. As instituições e seus processos de socialização buscam incentivar o comportamento dos indivíduos dentro de seus respectivos gêneros.

A escola se apresenta como uma instituição importante para a apreensão e conformação à forma de vida e valores de uma sociedade. Num processo como o de produção da heterossexualidade compulsória são excluídos os corpos que não se identificam comportamental e afetivamente como heterossexuais. Esse contexto se refletirá nas violências que ocorrem contra indivíduos, no caso escolar estudantes, que apresentam diferenças de orientação sexual. Assim, as trajetórias de alunos LGBTQIA+ diferem das dos demais alunos/as, pois estes podem se tornar alvos de violências cotidianas. Nessa pesquisa, tenho interesse em problematizar o silenciamento a respeito da diversidade e a reprodução dos marcadores de diferença pautados na noção de gênero sexuado, que favorecem a LGBTfobia na ambiência escolar.

Não há aqui o intuito de afirmar que a instituição escolar possua apenas normas e currículos que favoreçam a violência, mas ressaltar que em virtude de questões políticas, sociais e históricas as quais influenciam na sua organização e escolhas de métodos e currículos, pode ser excludente e invisibilizar diversidades. Ressaltamos, por outro lado, que também pode ser um espaço importante de construção de diálogos e mudanças, muitas vezes incentivadas pelos próprios discentes que buscam formas de se expressar e encontrar apoio entre os membros da escola, através da informação e da exigência de respeito. As diversidades possuem o direito de estarem presentes na ambientação escolar e reivindicam cada vez mais esse direito, não só na escola, mas na sociedade em geral o que tem se refletido na escola.

A resistência à exclusão e ao silenciamento que se impôs historicamente nesse espaço tem construído caminhos para que a escola seja mais diversa. Esse movimento seexpressa em uma fala comum entre as pessoas cisgêneros⁶ heterossexuais mais velhas e conservadoras ao afirmarem que em sua época “*essas coisas não existiam*”, sabemos que na realidade existiam, mas eram censuradas, silenciadas. O que se percebe entre os jovens dessa nova geração que têm acesso a informações, lutas, representações do movimento LGBTQIA+ é que estão construindo um processo de exigir o direito de ser, de se colocar, expressar, seu direito a estar presente na escola, sem se despir de sua identidade e sexualidade.

Os jovens na escola apreendem o gênero, se expressam dentro de suas categorias ou nas fronteiras delas mesmo que possam estar sujeitos a violências devido a isso. Alguns se adaptam às categorias de gênero e expressam masculinidade e feminilidade da forma que é considerada aceitável socialmente. Alguns fazem negociações com as normas de gênero e buscam construir novas formas de se expressar que não necessariamente dentro dos padrões de gênero. Outros podem não se adequar o que conseqüentemente os colocam em evidência, de forma que estarão constantemente sujeitos a sanções (CONNEL; PEARSE, 2015), como pudemos verificar em pesquisa anterior⁷.

Entrevistado 1: [...] mesmo quando eu não sabia que eu era diferente, as pessoas já me mostravam aquilo de uma forma agressiva. Já começavam a me chamar de apelidos ou nomes pejorativos ou palavras de baixo calão de todos os tipos. Às vezes que eu nem compreendia. Diziam que eu ia ser isso ou aquilo e até que eu não prestava para ser amigo de ninguém [...] Então eu era isolado, isso desde o início da minha vida escolar... Também teve situações de violência física mesmo. Tipo de meninos e até meninas debocharem de mim e os namoradinhos até me baterem, aconteceu comigo e outros amigos...

⁶ Cisgênero é um termo utilizado para se referir a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer devido às características biológicas, corpo/genitália, masculino/feminino.

⁷ Relato retirado da pesquisa realizada na graduação, defendida em 2019.

O esforço social em garantir os comportamentos dentro do gênero, tendo consequências aos que “desobedecem” às normas, demonstra o oposto do que se busca convencer: que o gênero seria algo biológico e natural. Quanto mais a sociedade se esforça para afirmar a naturalidade do binarismo de gênero, mais é possível questionar sua naturalidade. Se de fato fosse algo natural não haveria a necessidade dos reforços e redirecionamento dos comportamentos dos indivíduos para que ajam de acordo com o seu gênero amarrado à genitália. Assim, como a inflexibilidade das categorias de gênero, quando surgem novas expressões de feminilidades e masculinidades é possível entender a naturalidade do gênero também como social e cultural. De modo que “o original já nasce ‘contaminado’ pela cultura” (BENTO, 2011, p. 550).

Os indivíduos fazem parte de uma estrutura que possui uma organização anterior ao seu nascimento de modo que o processo de socialização ao qual são inseridos, as redes de significados e significantes, crenças e comportamentos, típicos da sociedade ao qual estão inseridos começam a ser apreendidos. Entretanto, os indivíduos não reproduzem a sociedade passivamente, interpretam o mundo a partir das ferramentas que possuem, dentro dos significados que apreendem da sua própria sociedade. Mas é interessante refletir relacionando com a questão de gênero e sexualidade, que os indivíduos que se “adaptam” ao meio social não sentem tão manifestamente os redirecionamentos e todo esse emaranhado de normas e significados que lhes parece natural. Por outro lado, aqueles que não se adaptam sentem de forma mais nítida os redirecionamentos, as sanções, proibições. Isso demonstra de forma mais evidente não se tratar de algo natural, quando na realidade os indivíduos se encontram imersos em uma rede social de significados que são interiorizados direcionando-os ao que é “normal”, através de proibições, repressões e imposições. (BUTLER, 2019)

Michel Foucault (1985), em “A história da sexualidade: a vontade de saber”, afirma que o sexo era algo inicialmente reprimido e silenciado, mantido na esfera do privado confiscado pelas relações conjugais. Por essa razão, através do gênero se exerce de forma mais eficaz o controle dos corpos sexuados. Ao se observar algum comportamento dissidente, a ação se torna imediata para reprimir e direcionar ao comportamento tido como ideal socialmente. Berenice Bento (2011) chama esse processo de heteroterrorismo. É relevante destacar que, ao mesmo tempo em que sempre existiu essa repressão sobre o sexo, para Foucault, muito foi dito a respeito dele, configurando assim esse discurso também como uma forma de poder. A escola é importante nesse aspecto, pois garante meios para que as dissidências possam ser reprimidas. Tanto a partir dos estereótipos construídos, dos ideais de

masculino e feminino que devem ser performados pelos corpos, quanto a partir dos discursos que são proferidos a respeito de sexualidade e de quem pode fazer esses discursos.

A instituição escolar seleciona conhecimentos, padrões de comportamento e de pensamento, que exercem poder sobre os corpos, tornando-os “escolarizados”. Desse modo, a escola aponta aqueles/as que devem ser modelos ou não (LOURO, 1997, p. 61). É importante pensar essa relação entre gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola a partir dessa percepção sobre os comportamentos nesse ambiente. A partir do estudo de Louro, é possível analisar a escola como produtora de desigualdades, que reafirma constantemente o que é correto ou não, aceito ou não. Algo que auxilia nesse caminho de perceber a escola dentro de um contexto específico, que não é neutra em relação às desigualdades e preconceitos. Ao instituir a heterossexualidade como única, qualquer outra forma de vivenciar a sexualidade é marginalizada, censurada, para que a produção da heterossexualidade compulsória ocorra de forma eficaz. Nessa perspectiva, cabe destacar que Bourdieu e Passeron (2009) já haviam destacado o caráter de violência simbólica da ação pedagógica, considerando que através desta ocorre o processo de imposições e constrangimentos que redundam na reprodução social.

O presente texto foi organizado da seguinte maneira: após esta introdução, na qual é realizada uma apresentação da pesquisa e do que ela trata, apresentaremos o segundo capítulo “Fundamentos metodológicos da Pesquisa”, no qual são revelados os percursos trilhados para a sua realização desde a escolha dos participantes da pesquisa à interpretação dos dados. O terceiro capítulo “Entre gêneros e sexualidades” em que são feitas algumas discussões teóricas e conceituais sobre ambas as categorias.

Posteriormente, no quarto capítulo “Gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola”, são discutidas a ambientação escolar e a LGBTfobia a partir das categorias de gênero, sexualidade e suas relações, é refletido como a escola lida com a diversidade e a construção cultural e social da homofobia na escola. Também é realizado um comparativo com os dados de pesquisas nacionais sobre ambientação escolar com foco em LGBTfobia. O quinto capítulo “(R)existir na escola: perspectiva dos/as participantes da pesquisa” é referente aos dados da pesquisa produzidos a partir dos relatos dos sujeitos sobre suas experiências e trajetórias como estudantes LGBTQIA+. São feitas algumas considerações a respeito da importância de sempre buscar abrir caminhos para essa discussão na escola, em busca de se assegurar uma

educação libertadora, de fato acessível e democrática, que respeite todas as diversidades que acolhe.

2 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa busca compreender, a partir das narrativas das vivências de jovens LGBTQIA+, como o ambiente escolar pode ser hostil ou acolhedor àqueles/as que não correspondem à norma heterossexual. Considerando a relação gênero, sexualidade e LGBTfobia, esperamos identificar a influência na trajetória de estudantes e responder à problemática: Como os discentes percebem e vivenciam suas trajetórias escolares enquanto jovens LGBTQIA+?

A revisão bibliográfica se apoia nos estudos de gênero, sexualidade, LGBTfobia e educação, os quais orientaram a construção do referencial teórico e, posteriormente, a coleta de dados junto aos estudantes. A partir disso buscou-se refletir como a escola lida com as diversidades de gênero e sexualidade dos estudantes que estão presentes nela. O local de realização dessa pesquisa é Teresina, capital do Estado do Piauí. Os estudantes participantes são vinculados a escolas públicas de nível médio da capital.

A motivação para a escolha dessa cidade como campo de pesquisa se deve principalmente ao desejo de dar continuidade a uma pesquisa realizada na graduação em Ciências Sociais sobre memórias de violências vivenciadas por jovens LGBTI+ no ambiente escolar teresinense. Agora com uma temática de discussão que surgiu nas entrevistas sobre essa relação entre gênero, sexualidade e LGBTfobia. Além disso, a pesquisa atual tem como participantes jovens estudantes do Ensino Médio, o que possibilita perceber algumas mudanças realizando um comparativo temporal. Outra motivação foi o contato com professores e alunos da rede estadual e estar atuando como professora substituta da SEDUC PI, o que auxiliou no processo de coleta de dados.

Pesquisar sobre gênero e sexualidade na escola nos faz encontrar diversas barreiras, a escola pode ser fechada para esse debate por diversos fatores: desde o preconceito da direção e coordenação, a não querer lidar com essa temática ou até mesmo a receptividade de parte dos pais ou responsáveis, o que se torna mais difícil quando esse diálogo é realizado em pesquisa por alguém desconhecido, de fora da escola. Além da dificuldade de abertura das escolas para dialogar sobre essa temática, o início da realização da pesquisa se deu em período de pandemia da COVID-19, no qual as escolas não estavam funcionando presencialmente, posteriormente, algumas passaram a funcionar com sistema híbrido, tudo isso tornou mais difícil o acesso à escola e aos estudantes face a face.

Dessa forma, o início da realização da pesquisa se deu através da indicação por pessoas com quem conversava sobre a temática da pesquisa, bem como no contato direto

com jovens estudantes que estavam cursando o Ensino Médio, buscando encontrar interlocutores com os quais fosse possível realizar as entrevistas.⁸

2.1 Os sujeitos da pesquisa

Este estudo foi realizado a partir dos relatos de jovens estudantes LGBTQIA+ em idade escolar, que estão cursando o ensino médio em escolas públicas de Teresina. O foco não foi uma escola em si, mas os estudantes e suas vivências em uma ambientação escolar. O interesse foi de que a partir de seus relatos enquanto adolescentes LGBTQIA+ compreender como percebem e vivenciam o espaço escolar, identificando as relações de diálogo e/ou intolerância construídas. Por questão de sigilo e preservação das identidades dos interlocutores que contribuíram com seus relatos para a realização desta pesquisa, não utilizaremos seus nomes verdadeiros, nem serão indicados os nomes das escolas. Referência a escolas no plural, pois o foco são os sujeitos e a instituição escolar e não uma escola em específico.

Houve algumas dificuldades no percurso de realização da pesquisa. Desde o acesso aos jovens até a questão da dificuldade de discutir essa temática na escola, por ser uma discussão considerada um pouco complicada o que foi refletida na amostra. Foram realizadas três entrevistas, o contato se deu por indicação de uma aluna conhecida em comum, e ocorreram de forma remota em que foram gravadas as falas dos/as jovens estudantes que possuem entre 17 e 18 anos. Dois dos estudantes pertencem à mesma escola, o outro a uma escola diferente, ambas públicas, localizadas em região periférica da cidade. Referimo-nos apenas de forma geral a jovens e escolas de Teresina-PI.

Assim, a escolha dos participantes se deu através da correspondência aos seguintes critérios: jovens homoafetivos ou que não correspondem ao binarismo de gênero, que estão em idade escolar, cursando o Ensino Médio (por possivelmente ter mais consciência das questões de gênero e sexualidade e da LGBTfobia nessa idade escolar, bem como possuir uma maior possibilidade de contato) que estudam em escolas de Teresina. Não necessariamente

⁸ Nesse processo de busca de espaços e relações para observação e entrevista, obtive informações sobre uma escola na qual havia uma criança, um menino transgênero. Foi-me dito que os pais exigiam que a escola buscasse se adaptar ao filho e a escola buscava meios de inserir o aluno na turma, com seu nome social, mas tinha como barreira o banheiro, pois acreditavam que frequentar o banheiro masculino poderia ser perigoso e que a escola não poderia assegurar a segurança do aluno. Demonstrei interesse em fazer a observação em campo para ver como esse estudante subverte as normas de gênero na escola com a sua presença, mas recebi a resposta da minha possível fonte que a escola não permitiria esse tipo de contato. Então optei em focar nas entrevistas com jovens do Ensino Médio que apesar de ainda ser difícil, seria mais fácil e acessível do que ter contato com crianças.

que sejam não binários, mas ao buscar entender essa relação entre binarismo de gênero e LGBTfobia é interessante perceber a partir de jovens lésbicas ou gays que “jogam” com o gênero e dessa forma se colocam em evidência no espaço da escola. Por exemplo, meninos que se identificam como gays e possuem comportamentos considerados afeminados na forma de agir, vestir, se comportar e como a LGBTfobia poderia se apresentar para eles no ambiente da escola a partir disso. Assim, foram delimitados os possíveis sujeitos da pesquisa considerando a importância dos seus relatos, para análise da ambientação escolar, buscando refletir como se dá tal ambientação para esse grupo na perspectiva de quem está presente na escola.

Os jovens participantes da pesquisa são: Girassol, 17 anos, no momento da entrevista havia concluído recentemente o 3º ano do Ensino Médio, identifica-se como homem trans: *“Recentemente eu me entendi como uma pessoa trans. Então eu me identifico como um homem trans. agora e sou heterossexual”*. Lírio, 17 anos, estudante do 2º ano do Ensino Médio e se identifica como mulher lésbica. Tulipa, 18 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio, que se identifica como homem gay. Todos são jovens estudantes de escolas estaduais de Teresina- PI.

A escolha de Teresina, capital do Estado do Piauí, como local de pesquisa se dá por alguns fatores a se destacar: Não há um levantamento a respeito de violências motivadas por LGBTfobia na ambientação escolar teresinense. Dessa forma, falta essa análise escolar em Teresina e suas implicações. O descaso com as subnotificações de crimes e violências LGBTfóbicas, em que há muita dificuldade em relação a denúncias por falta de um ambiente acolhedor à vítimas e o acesso a dados em qualquer questão que se relacione a essa temática. Como por exemplo, o assassinato de pessoas LGBTQIA+, que muitas vezes não é tratado por motivação LGBTfóbica e até as notícias muitas vezes não expõe como violência LGBTfóbica, mas como crimes comuns e assim tem uma dificuldade de produzir dados. Isso reflete uma questão social de ausências de espaço e discursos que necessitam ser preenchidos. De forma que falta uma maior insistência em uma discussão mais voltada para essa questão e a visibilização do LGBTQIA+ em Teresina.

Mas apesar disso também há movimentos que buscam exercer esse diálogo e que tem bastante atuação na luta por direitos como o grupo Matizes que vem atuando desde 2002 para “a defesa e promoção da livre orientação sexual, identidade e expressão de gênero, bem como dos direitos humanos e da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais,

intersexuais (LGBTI+)”⁹. Que trabalham em relação a questões mais gerais de cidadania, segurança, respeito, direitos e visibilidade, questões essenciais e necessárias.

2.2 Procedimentos e instrumentos da pesquisa

A LGBTfobia se apresenta de diferentes formas para as pessoas LGBTQIA+, tendo em vista que entra em questão um conjunto de preconceitos sociais que são expressos na violência contra o homem gay, contra a mulher lésbica, e muitas vezes se expressando de forma ainda mais violenta¹⁰ para o homem ou a mulher transexual e para a travesti, corpos que estão em mais evidência subvertendo as normas do gênero e da sexualidade. Nessa perspectiva, buscou-se perceber essa intolerância na escola a partir das experiências dos jovens sujeitos da pesquisa e a análise das possíveis situações que vivenciam devido à identidade que expressam e suas sexualidades.

Para isso foram levantadas as seguintes questões norteadoras: qual o espaço reservado para a diversidade na escola? Qual a possibilidade de construção/expressão da própria identidade dentro do espaço escolar? Como as normas de gênero e sexualidade influenciam as regulações e violências sofridas no ambiente da escola?

Buscamos responder às questões que foram levantadas na pesquisa, por meio da perspectiva dos/as sujeitos/as entrevistados. Dessa forma, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que busca entender os significados apresentados pelos participantes da pesquisa em seus relatos sobre o que entendem por gênero, sexualidade e LGBTfobia e como interpretam as suas vivências na escola enquanto jovens LGBTQIA+. É diálogo com as pessoas que tem a contribuir com a construção da pesquisa, suas impressões, opiniões, a partir de suas vivências (RICHARDSON, 2015, p. 90).

O presente trabalho buscou analisar o ambiente escolar, as relações entre gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola a partir do que é apresentado pelos/as jovens – tanto a descrição das situações vividas como os significados construídos pelos/as sujeitos/as nas vivências do cotidiano escolar.

⁹ Atuação do grupo Matizes em Teresina <<https://matizes.org.br/site/>>

¹⁰ Dados do "Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras", da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) revela que pelo 14º consecutivo o Brasil o país que mais mata pessoas trans. A constatação se dá pela comparação dos dados do Brasil em relação aos demais países feito pelo Projeto Internacional Trans Murder Monitoring. Para mais informações ver: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2023.

Para a realização da coleta de dados utilizamos a técnica de entrevistas. Primeiramente foi discutido um possível roteiro e, posteriormente, elaborado e revisado de forma a buscar ser mais objetivo e claro possível para que as questões fossem facilmente compreendidas. A organização das questões¹¹ se deu de forma gradativa, em que no início é observado o que os jovens entendem e pensam sobre as questões a serem discutidas e posteriormente questões mais específicas buscando compreender mais sobre o cotidiano escolar.

As primeiras tentativas de abordar possíveis sujeitos se deram por meio de um contato prévio com colegas e conhecidos- que trabalham em escolas de Teresina, com intuito de explicar do que se tratava a pesquisa e as possibilidades de indicação. Obtive respostas positivas. A partir disso, foram compartilhados contatos e realizadas as entrevistas, todas foram gravadas. Assim foi possível esboçar, por meio das narrativas dos sujeitos, o contexto que vivenciam, a fim de conhecer um pouco da sua trajetória escolar e perceber, por meio de seus relatos, como a escola lida com a diferença.

As entrevistas foram realizadas de forma online com os estudantes devido à pandemia da COVID-19. Não foram realizadas em grupo, mas separadamente, com a finalidade de estimular o diálogo sobre vivências, experiências e interpretações na escola e os possíveis obstáculos e as relações de diálogo que podem se apresentar no espaço. Dessa forma, durante a coleta estabeleceu-se uma relação em que os/as jovens colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa realizada, sendo essenciais para o prosseguimento da pesquisa fornecendo informações a respeito do seu cotidiano escolar, suas vivências.

Não houve intuito de receber respostas restritivas e durante o diálogo surgiram outros tópicos, por isso foi incentivado que os jovens falassem o que estavam pensando. Desse modo, as respostas não foram censuradas, de forma que foi dada total liberdade para a linha de raciocínio e construção dos jovens, o que trouxe muita riqueza para o diálogo, pois novas questões que fazem parte do seu cotidiano e que são importantes de serem abordadas emergiram, para além do que estavam sendo perguntados, as questões se constituíram apenas num incentivo para o diálogo (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

As informações obtidas foram transcritas, analisadas e interpretadas por meio do método análise de conteúdo. As falas transcritas foram decompostas dentro das categorias prévias definidas, nas quais foram destacadas as temáticas mais regulares entre os relatos. A organização dos relatos, o confronto das falas, suas semelhanças e divergências. Nesse

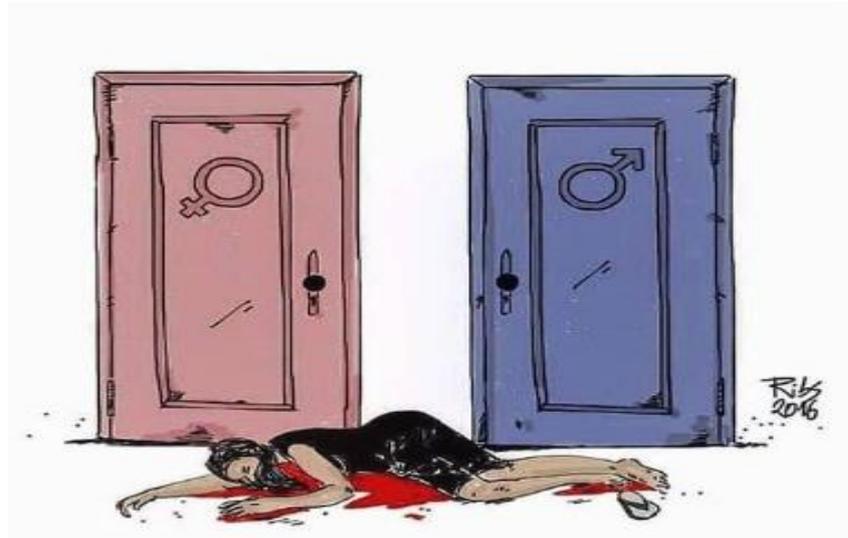
¹¹ O roteiro e as transcrições das entrevistas estão anexados, ao final desse texto.

momento observamos que houve algumas novas noções não percebidas e confirmações do que já havia sido observado na revisão bibliográfica, desconstruindo ou confirmando hipóteses prévias. Através dessa organização em categorias foi possível compreender de forma mais simples os significados e experiências descritas para enfim realizar a análise.

Por meio dessa metodologia foi possível apropriar-nos de significados sobre a relação entre homossexualidade e escola a partir dos relatos dos/as participantes da pesquisa: como percebem e vivenciam suas trajetórias escolares enquanto jovens LGBTQIA+. De acordo com Leonir (1996), como problema social é importante analisar os processos que constroem e institucionalizam o objeto.

3 ENTRE GÊNEROS E SEXUALIDADES

IMAGEM I- Charge do Artista Visual e Cientista Político Matheus Ribeiro (Ribas) de 2016.



FONTE: @o.ribs¹² (Instagram)

O presente capítulo tem como objetivo discutir gênero e sexualidade buscando desconstruir a naturalidade associada a essas duas categorias. A respeito do gênero binário primeiramente é realizada uma breve reflexão sobre os caminhos trilhados pelo gênero refletindo o processo de mudança das teorias, de uma perspectiva focada no binarismo a uma que visa entender o gênero como algo fluido em processo de transformação. Discute-se a sexualidade como um conceito plural, além da natureza, com influências culturais, sociais, subjetivas que levam a sua diversidade de manifestações.

3.1 Os caminhos abertos pelo debate de gênero

Ao falar sobre gênero e sexualidade muitas questões devem ser colocadas em discussão, há uma diversidade de caminhos percorridos na busca da sua conceituação. Essas duas categorias analíticas são relevantes para compreender a organização social, entender as relações de poder que regem a vida dos indivíduos em sociedade, suas raízes históricas, culturais, políticas e sociais.

¹² Charge retirada do perfil do Cartunista e Cientista Político Matheus Ribeiro no instagram (@o.ribs) e parte do acervo pessoal de imagens arquivadas.

Primeiramente ao adentrarmos a discussão sobre gênero e sexualidade, é necessário refletir o universo em que ambas as discussões se interseccionam, que é na materialidade do corpo. A antropóloga Fátima Lima em seu texto “O que pode o corpo? Fronteiras e transposições” (2015) busca falar sobre a multiplicidade e potência dos corpos, desconstruindo o legado da biologia do século XVIII e XIX que trata o corpo como algo que se limita a natureza e funcionalidades. Essa perspectiva constantemente requisitada como base de correntes conservadoras que tendem a buscar explicar e entender os corpos como expressões da natureza de modo a assimilar a aparência e comportamentos nas noções de naturalidade do corpo-sexo-gênero-sexualidade. As discussões acerca do corpo histórico, político, social para as ciências sociais desfaz as noções limitantes desse pensamento biologizante do corpo, refletindo-o como parte da realidade social que está em constante transformação.

Segundo Fátima Lima,

Através dos corpos os sujeitos instauram o mundo, constroem significados, produzem inteligibilidades, fazem e refazem histórias. Sem os corpos é impossível conceber nossa dimensão de humanidade. Assim, o corpo é nossa singularidade, nossa individuação, nossas produções identitárias, mas dialogicamente é a nossa relação com o outro, com o mundo (corpo social), a dimensão de alteridade nas existências. (LIMA, 2015, p. 207)

Então através do corpo os indivíduos produzem suas identidades e inteligibilidades, se relacionam com o mundo e entre si, partindo de uma perspectiva de que o corpo não é universal e apenas biológico, mas a singularidade enquanto indivíduos. Dessa forma há uma multiplicidade de corpos e existências, diversas reinterpretações do corpo são tecidas cultural e socialmente.

A materialização do sexo nos corpos é algo que vai sendo imposto no processo de socialização que pode se realizar ou fracassar, alguns corpos se expressam da forma que “deveriam” e outros se desviam das normas. Sendo as práticas sociais em torno do gênero e sexualidade altamente reguladas a fim de que as expectativas sejam cumpridas, a categoria do sexo foi ao longo da trajetória social forçosamente construída. Algumas performatividades sendo inteligíveis e outras não, como afirma Butler (2019).

Dessa forma, é inevitável que essas categorias se tornem centro de atenção, regulação e produção minuciosa de discursos (FOUCAULT, 1985). Afinal, o que queremos dizer quando falamos a respeito de gênero? Para responder esse questionamento, há uma

digressão histórica a ser feita.

É certo que nos primórdios das teorias feministas, gênero surgiu como uma forma de pensar a mulher na sociedade. Gênero como estudos de mulheres destacava as formas de opressão a qual eram submetidas, como através da naturalização do gênero, as características atribuídas à mulher/feminino as colocavam como inferiores biologicamente ao homem/masculino. Então, para a sociedade burguesa patriarcal do século XVIII-XIX era importante que estivessem bem definidas as funções sociais delegadas a partir das “capacidades” de cada gênero: aos homens a vida pública, as decisões e o trabalho para sustento da família, que era de sua única responsabilidade, enquanto que às mulheres era delegada a vida privada, o cuidado da casa, dos filhos e a procriação (CECCARELLI; FRANCO, 2010, p. 121).

Através da família se estruturava uma organização dos papéis de gênero, em que as mulheres não tinham voz, direitos e liberdade, eram tuteladas pelos pais e, posteriormente, pelos maridos. Diante disso, ainda no século XVIII, as mulheres feministas- antes da existência desse termo que ainda viria a ser tão controverso- buscaram questionar essa organização do seu mundo. Uma das mulheres que utilizou a escrita como forma de análise social e luta por direitos foi a filósofa Mary Wollstonecraft, mãe de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*. Wollstonecraft questionava a opressão das mulheres, demandando igualdade e garantia de direitos básicos assim como os homens possuíam. Seu livro “Reinvindicação dos direitos da mulher” (1792), em que questionava como os “direitos dos homens e dos cidadãos” incluíam as mulheres, é considerado um marco feminista, importante para pensar a questão de gênero, mas ainda na dicotomia homem-mulher¹³.

Os estudos de gênero se preocuparam inicialmente com a desigualdade e a opressão da mulher na sociedade. Apesar de questionar a naturalização do gênero, o fez ainda pensando-o dentro de categorias binárias fixas, em que o feminino aparece em oposição ao masculino, numa condição de inferiorização. É nessa perspectiva que a obra da filósofa Simone de Beauvoir “O segundo sexo” (1967) pode ser pensada. Afinal, a autora problematiza a opressão da mulher na sociedade e, inclusive no próprio título, demonstra que trata o gênero como categorias binárias e dicotômicas, em que as mulheres seriam o outro sexo em comparação ao gênero masculino. Cabe destacar que a obra traz a importante contribuição de desnaturalização do gênero, ao afirmar a frase que ecoa até a atualidade: “não se nasce mulher, torna-se”. Com intenção de declarar a não naturalidade do gênero, Beauvoir

¹³ CULT. Mary Wollstonecraft, autora de um dos primeiros textos feministas. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>>. Acesso em: 16 set. 2021.

argumenta sua construção social, de modo que o tornar-se mulher é um processo e não uma definição (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2017).

Posteriormente, com os estudos queer e pós-estruturalistas, como os trabalhos de Judith Butler, com raízes e influências em Foucault, o gênero como categoria analítica passou- além de buscar pensar a mulher na sociedade, desnaturalizar as expectativas degênero no comportamento social- a pensar a multiplicidade de possibilidades que existem nas fronteiras das categorias supostamente fixas, como performativamente construído (BUTLER 2019), mostrando que existem identidades em trânsito para além dos limites impostos, onde se encontram os diferentes, os que não querem ser assimilados (LOURO, 2008).

O que queremos dizer quando falamos em gênero se apresenta como o oposto de categorias binárias, fixas, voltadas para hormônios e anatomia, como forma de justificar o comportamento de ditos homens e mulheres, bem como suas funções no meio social. O gênero constitui um conjunto de relações, uma construção histórica, social e política, que sofre alterações no decorrer do tempo e contexto. Quem se dedicou ao estudo de gênero na história evidenciou diversas perspectivas e a mais incisiva delas é sua produção cultural e social.

Segundo Siqueira e Bussinguer (2017),

[...] o pós-estruturalismo, dá substrato ao pensamento que entende o gênero como algo fluido e jamais definitivo. O gênero estaria externamente sendo significado e ressignificado a depender do momento em que o objeto de pesquisa está sendo estudado. Sendo, assim, se o significado é fluido e jamais pode ser determinado previamente, não haveria uma forma de classificar o gênero (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2017, p. 5).

A perspectiva pós-estruturalista dá bases para pensar o gênero fora dos padrões binários que presumem a heterossexualidade. Então, gênero é um conceito constantemente estudado e ressignificado, buscando abranger a multiplicidade de identidades que fogem ao binarismo, como os estudos queer, por exemplo, que tiveram início a partir dessa perspectiva de estudo e vieram a ressignificar o que antes era considerado “estranho, diferente, abjeto”, endossando uma colocação nas lutas por direito à própria identidade e existência.

3.2 Sexualidades plurais

Sexualidade é um tema muito debatido na contemporaneidade, adquiriu visibilidade em discussões e na mídia, superando o interdito que vigorou durante muito tempo em tantos espaços. Michel Foucault, em “História da Sexualidade I: a vontade de saber” (1985), afirma que o sexo foi privado às relações conjugais, mas não inteiramente reprimido, e, por isso, nos convida a refletir, a partir do estudo da história da sexualidade que nenhuma sociedade falou tanto a respeito dessa temática quanto a nossa. O autor ressalta que esses discursos carregam poder e restrições. Dessa forma, considera importante perceber o que tem sido dito e quais os espaços em que o discurso é permitido para que se possamos entender o poder que é produzido e se exerce a partir desses discursos. A noção de sexualidade, como a de sexo, não é isenta de valores, significados, regulações e repressões de um determinado contexto histórico, político e social (FOUCAULT, 1985). Para Foucault, “a história da sexualidade [...] deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos” (FOUCAULT, 1985, p. 67).

Nessa perspectiva, questionamos a forma como algumas repressões em relação à orientação sexual são construídas e vão sendo alimentadas no decorrer do tempo. Se pensarmos a escola, por exemplo, existem vários discursos sobre sexualidade, mas alguns são autorizados e outros não. Geralmente, essa discussão surge no currículo na forma de educação sexual, voltada para informações e prevenção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (ALTMANN, 2001). Quando se trata de informação, incentivo ao respeito da diversidade de gênero e sexualidade, nem todas as escolas estão abertas a essa discussão. Os discursos e as normas da sexualidade que operam sobre os corpos dos indivíduos servem como formas de controle.

A sexualidade possui um papel como instrumento de poder, o discurso sobre ela é incentivado, mas com fronteiras delimitadas e com a definição de quem pode falar a respeito se exerce o poder sobre as sexualidades através da autorização de alguns discursos e do silenciamento de outros. Nesse sentido, muito foi dito e produzido a respeito da sexualidade, na biologia, psicanálise, psiquiatria, entre outras áreas de saber (principalmente, quando foge às normas). No senso comum, muitos preconceitos e tabus foram construídos com bases na moral religiosa cristã, que possui influência sobre a vida dos indivíduos, definindo noções de certo e errado, inclusive na forma de vivenciar a sexualidade (CECCARELLI, FRANCO,

2010, p. 121). Tais discursos colocam o prazer na condição de negativo, profano, e o sexo delimitado para a procriação, algo confiscado pela vida privada para dentro do quarto da família conjugal, que se estabelece como padrão (FOUCAULT, 1985, p. 9).

Desse modo, com a atribuição de uma função específica para a sexualidade humana, gerir a ocorrência do ato sexual em si visando uma finalidade, ocorre a sua definição como algo cultural e não mais um impulso da natureza. Dessa privacidade do sexo, no quarto do casal, também se institui a heterossexualidade como sexualidade legítima, parental (BOZON, 2004, p. 34). A partir disso, as referências feitas à sexualidade humana tendem a valorizar unicamente na expressão da heterossexualidade, como natural. Ao se estabelecer como uma sexualidade legítima automaticamente são excluídas as outras manifestações de sexualidade. A constituição em discurso da heterossexualidade com finalidade na procriação, a coloca como norma, estabelece as regras do que é permitido ou não, do que é considerado normal ou não pela sociedade em determinado contexto histórico-político-social (FOUCAULT, 1985).

Considerar a heterossexualidade como algo natural é negar as dimensões sociais, a rede complexa de relações e vivências que influenciam a construção individual da sexualidade. Entretanto, busca-se direcionar as relações entre os indivíduos para corresponder aquilo que é considerado correto culturalmente, determinando e classificando suas diferentes manifestações como “desviantes” e que, portanto, devem ser combatidas. Entretanto, a sexualidade possui variáveis além da anatomia dos corpos, que dependem em sua construção e trajetória pessoal de descoberta do corpo, afetividade e subjetividade.

Segundo, Ângela Felgueiras Pontes (2011),

[...] facilmente se constata que não é possível falar de sexualidade, mas apenas de sexualidades. Não só ao longo da história as concepções de sexualidade foram mudando e são diferentes de cultura para cultura, como em termos individuais a sexualidade é uma construção que resulta de uma biografia, para a qual contribuem a biologia e a cultura e, portanto, podemos dizer que existem tantas “sexualidades” quanto pessoas. (PONTES, 2011, p.28)

A sexualidade, assim, influenciada por diversos fatores além de determinações biológicas, como o contexto histórico, diferentes culturas, é uma construção que parte da afetividade e subjetividade de cada indivíduo, o que nos leva a um conceito de sexualidades no plural, em suas mais diversas possibilidades de construção e manifestação. Esse conceito é o que buscamos utilizar para pensar as sexualidades presentes na escola.

O perigo de um discurso único é a naturalização de algo que é uma construção cultural, histórica e social. Busca-se embasamento na biologia para se estabelecer como norma ao passo que silencia as outras expressões de sexualidades, de modo que quanto mais

se incita o discurso da heterossexualidade compulsória como manifestação natural, “normal”, mais as outras manifestações são marginalizadas, como desvios e perversões. Ao não se permitir o verbo às diversas sexualidades, também lhes é negada a existência: “o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições” (FOUCAULT, 1988, p. 96), isso ocorre na sociedade como um todo e, principalmente, no ambiente escolar, como será discutido posteriormente.

3.3 Pensar o gênero social e cultural

O grande desafio daqueles (as) que buscam se debruçar sobre os estudos de gênero é desconstruí-lo como algo dado pela natureza, perceber como influencia e é influenciado pelo meio social. Entender suas amarras e opressões, suas fronteiras que são constantemente reformadas, para se tornarem mais fixas e impedir que seja possível transitar entre os gêneros. Bem como, o surgimento de novas identidades que fluem, transitam, desafiando as normas. Se precursoras feministas tinham suas teorias baseadas no gênero binário e justificavam que a opressão do feminino possuía raízes na hierarquização dos gêneros, com o desenvolvimento do campo e a emergência dos estudos pós- estruturalistas, o gênero foi sendo problematizado não só como uma questão da diferença dos corpos, e a partir de uma dicotomia, mas como fluido, em trânsito.

O gênero está presente nas relações sociais, pode ser base para essas relações, ditar como devem ocorrer, ao fazer diferenciações entre indivíduos por meio da qual são construídas diretrizes de comportamento em sociedade. Buscando ampliar tal compreensão, retomamos uma reflexão feita por Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), através da contribuição de Levy- Strauss, o gênero seria uma estrutura no limiar da natureza e da cultura, assim como o tabu do incesto, discutido pelo antropólogo. O gênero está presente em todas as culturas e sociedades, com variações de suas próprias regras e relações e se impõe como normas comportamentais. Dessa forma, o não adequar-se é uma transgressão das normas que regem a organização da sociedade, demonstra seu caráter estrutural, “então, não podemos pensar em arranjos sociais de gênero como mero efeito que flui de propriedades do corpo. Eles também precedem o corpo, formando as condições em que este se desenvolve e vive”. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.93)

O gênero, nesse sentido, é base das relações sociais entre indivíduos das mais diversas culturas (podemos pensar inclusive as sociedades matrilineares que às vezes parece não ter uma generificação clara, mas em que na divisão de gênero se centra toda a organização social). Assim, retira-se o gênero da condição de algo natural para parte dos processos sociais. Dessa forma, a discussão de gênero busca desnaturalizá-lo, evidenciá-lo como estrutura e como todo esforço social envolvido para buscar manter a rigidez de suas categorias. O gênero apesar de buscar o apoio da biologia, é anterior ao corpo, um universo simbólico que já existe antes mesmo de o corpo vir ao mundo, que influencia diretamente a forma como os indivíduos vão buscar assumir suas identidades nas categorias de gênero delimitadas ou nas suas fronteiras.

Berenice Bento (2011) nos convida a refletir o espetáculo do nascimento, desde a descoberta da gravidez seguida da curiosidade pelo sexo do bebê, que constitui a mais importante após a confirmação da gestação. Esse processo revela em si como todo um universo simbólico é construído antes mesmo de o corpo estar presente. É construída uma identidade de gênero amarrada à genitália, nome, cores, brinquedos, tudo referente a um dos gêneros inteligíveis, e o bebê ao nascer deve ser inserido nesse universo e ensinado a assumir a identidade que foi criada antes mesmo de nascer. A instituição familiar vai socializar aquele corpo, como um corpo feminino ou masculino, iniciando um processo de definição do que o corpo deve ser e expressar, mesmo que ainda nem tenha nascido e essas “cirurgias simbólicas” vão sendo realizadas, na família, na escola, na mídia e na sociedade como um todo. As crianças aprendem esse universo simbólico e agem dentro dele criando padrões de masculinidade e feminilidade. Esse processo é constante e naturalizado.

É interessante refletir sobre esse processo de construção de uma identidade para o bebê a partir do sexo biológico, pois nos auxilia a perceber o intenso esforço cultural e social nessas situações. Atualmente, com o avanço das discussões sobre a diversidade de identidades de gênero isso começa a ser questionado, a noção de corpo biológico como destino da identidade de gênero já passa a ser problematizada. Tulipa argumenta nesse sentido:

Tipo eu “tava” até conversando com meus amigos um dia desses que daqui uns anos, acho que uns cinco ou dez anos, quando a gente vê alguém no nosso vínculo, uma pessoa grávida, a gente não vai se importar se é homem ou mulher, a gente vai pensar: hum, o que que ele vai ser? Por que é uma coisa que é muito particular, sabe? Bem particular.

A reflexão de Tulipa se dá a partir da percepção da diversidade de identidades que existem fora dos padrões binários e diante disso reflete como cada identidade é particular e que talvez em algum momento as pessoas não se importem mais se o feto será homem ou mulher, mas qual identidade vai construir. Considerando um cenário mais geral em que ainda há tanta interdição, LGBTfobia e violência pode parecer improvável ou longínquo o argumento de Tulipa, no entanto, sua expressão nos informa de como essa desnaturalização é familiar a segmentos juvenis.

Estudar sobre gênero nos faz questionar diversas noções que fazem parte do nosso cotidiano e que são simplesmente naturalizadas no processo de socialização. Parte dos indivíduos que compartilham o universo simbólico de uma determinada sociedade passam as suas trajetórias sociais sem perceber o gênero como algo cultural e social, apenas como parte da natureza, algo que é constantemente reforçado, pois quando algo é natural adquire um caráter de incontestável.

Mas é preciso pensar que só é possível não perceber essas questões quando as performatividades de gêneros se tornam inteligíveis apenas dentro da heteronorma, segue-se o padrão corpo-sexo-gênero-sexualidade que se relaciona com a heterossexualidade. As performatividades ininteligíveis são marginalizadas (Butler, 2019). Os corpos que não se adequam às normas do gênero são os únicos que deixam evidente que o gênero não é algo natural, mas apesar disso não é a natureza da estrutura que é questionada, e sim a natureza desses corpos, considerados abjetos. Logo, ficam em evidência devido às diferenças, e, assim, tornam-se alvos das sanções sociais para que ajam de acordo com as normas, consequências da naturalização do binarismo de gênero heterossexual. Entretanto, os estudos e teorias sobre gênero evidenciam as características de produção e reprodução social do gênero, questionando as coisas mais básicas do cotidiano atribuídas ao “gênero natural”, como forma de desconstruí-lo.

Como homens e mulheres, escolhemos apertar os pés em diferentes tipos de sapatos, abotoar a camisa em lados opostos, cortar o cabelo com profissionais distintos, comprar calças em lojas separadas e baixá-las em banheiros separados. Esses arranjos são tão familiares que parecem fazer parte da natureza. As crenças que distinções de gênero são “naturais” faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão: por exemplo, quando pessoas do mesmo gênero se apaixonam umas pelas outras. A homossexualidade é, então, classificada como não sendo algo natural, como algo mau (CONNELL; PEARSE, 2015, p.37).

As “escolhas” que realizamos no nosso dia a dia de acordo com o gênero na realidade não possuem embasamento biológico, o tipo de sapato utilizado não é o que garante

que uma pessoa seja homem ou mulher, ao problematizar as coisas cotidianas é possível perceber uma constante e minuciosa produção dos gêneros binários. Pensar o gênero fora da categoria biológica lança luz sobre como as ações cotidianas demonstram que na realidade trata-se de algo cultural, de modo que cada sociedade possui especificidades nas características de gênero podendo se expressar de maneiras diferentes nos comportamentos designados como femininos ou masculinos. Dessa forma, pode-se pensar em feminilidades e masculinidades que são construídas de maneiras diferentes em situações e contextos diferentes. Connel e Pearse (2015) relacionam a LGBTfobia com o gênero, quando indivíduos do mesmo gênero se relacionam é como se transgredissem as normas de gênero e sexualidade em conjunto, sendo a homossexualidade considerada “não natural”.

O corte de cabelo e quem corta ou as roupas que se compra são associados como algo com que se nasce, de forma que evidencia as normas de gênero que influenciam as ações e expressões da identidade em sociedade. São comportamentos comuns que parecem naturais, mas que a natureza age muito pouco sobre eles e o processo de socialização a uma determinada cultura se demonstra mais presente. Isso reflete também a relação sexo-gênero-sexualidade em que o gênero heterossexual mantém a homossexualidade na condição de não natural.

Para Rogério Diniz Junqueira,

As disposições heteronormativas voltam-se a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade: a centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades (BUTLER, 2003). (JUNQUEIRA, 2015, p. 104)

A cultura e as instituições de determinada sociedade possuem seus modelos de feminino e de masculino que são repassadas às novas gerações a partir do processo de socialização: os modelos de agir, pensar e sentir enquanto menino/menina- homem/mulher estão presentes durante toda a trajetória social dos indivíduos. Esse conjunto de significados em relação a feminino e masculino é anterior à existência dos indivíduos, trata-se de uma estrutura. Entretanto, os indivíduos se expressam e criam sua identidade a partir dos modelos apresentados, ou seja, contornam, reinterpretam criando “feminilidades” e “masculinidades” diferentes, o que desconstrói as categorias binárias fixas, imutáveis. Segundo Connell e Pearse (2015) ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção (CONNELL; PEARSE, 2015, p.38).

Refletir o gênero dessa maneira demonstra a influência do pensamento de Beauvoir, as autoras interpretam que apesar das regulações e imposições culturais sobre os comportamentos sociais dentro das categorias binárias de gênero, os sujeitos também são ativos na construção do gênero, o que se demonstra nas diversas expressões de masculino e feminino. Dessa forma, os gêneros binários não são apenas incorporados passivamente para serem performados, mas os sujeitos também são atores desse processo. A relação entre agência e estrutura se complexifica: “Parte do mistério do gênero está em como um padrão que parece ser tão nítido e rígido na superfície pode ser tão complexo e incerto quando o olhamos mais de perto” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.39).

Muitas vezes o gênero pode parecer algo muito simples, principalmente quando os corpos se adequam às suas normas. As regras e padrões nítidos são considerados naturais aos indivíduos, apesar do esforço cultural e social para manter as categorias binárias de gênero. Mas algo que contraria a simplicidade são as subjetividades individuais expressarem o gênero de formas complexas e diversas. Alguns corpos se adaptam às categorias de gênero e expressam masculinidade e feminilidade da forma que é considerada aceitável de modo que para estes corpos o gênero pode se apresentar de forma natural, pois não se coloca em constante conflito com ele, pode até passar “despercebido”.

Segundo Judith Butler (2019),

A noção de que pode haver uma verdade do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. [...] A matriz cultural por meio da identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade de gênero” não possam “existir”- isto é, aqueles que o gênero não decorre do “sexo” e aqueles em que as práticas do desejo não decorrem nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2019, p.44).

Um dos “problemas de gênero” levantados por Judith Butler (2019) é justamente o fato de essas categorias só se tornarem problemáticas quando há a não conformidade com o binarismo de gênero. Alguns indivíduos podem fazer negociações com as normas de gênero e construir novas formas de expressá-lo, não sendo fiéis aos padrões fixos, mas não fugindo totalmente das normas, reconstruindo a partir de sua própria identidade. Outros podem não se adequar e serão os indivíduos e subjetividades que estarão constantemente sujeitas a sanções. Esses corpos se tornam mais visíveis aos olhos reguladores e repressores da sociedade, de modo que essas identidades de gênero não podem/deveriam existir.

A incerteza e a complexidade do gênero contraria a ideia de que é uma imposição sobre os indivíduos e reafirma que não se pode pensar essa questão apenas a partir da biologia, pois há a relação entre diversidade e a subjetividade dos sujeitos como ativos na própria construção, buscando lugares na ordem de gênero, construindo a si mesmos a partir das categorias apresentadas, transitando entre essas categorias, criando novos gêneros, de modo a demonstrar que não são fixas, imutáveis, mas que sofrem constantes transformações e ressignificações.

É interessante pensar essa perspectiva de gênero fora dos moldes prefixados, pois de certa forma dá liberdade para perceber o gênero nas fronteiras. Buscar insistir na rigidez do gênero pode impedir uma discussão mais ampla, esta que pode evidenciar mais questões no dia a dia fora das fronteiras. Quanto maior o esforço social para dar credibilidade da natureza às categorias de gênero como algo inflexível, mais nítido fica que não passa de uma tentativa de fazer as fronteiras parecerem fortes. (LOURO, 2018).

Dialoga com Berenice Bento (2010) ao pensar que o esforço social demonstra o oposto do que é colocado, quanto mais a sociedade se esforça para afirmar o binarismo de gênero natural, mais se questiona sua naturalidade. Se de fato fosse natural não haveria a necessidade dos reforços e redirecionamento dos comportamentos dos indivíduos para que ajam de acordo com o seu gênero amarrado à genitália. Assim como a inflexibilidade das categorias de gênero, quando surgem novas expressões de feminilidades e masculinidades, a naturalidade e inflexibilidade do gênero se demonstra cada vez mais contraditória. Guacira Lopes Louro (1997) concorda ao afirmar que os indivíduos estão passando por processos constantes de construção e transformação a partir de uma série de variáveis sociais, que transformam suas formas de ser e estar no mundo.

Através do gênero o controle sobre as sexualidades se torna algo possível, pois está presente em tudo: formas de agir, de se vestir, falar, etc. O gênero heterossexual amarra a sexualidade dos indivíduos às suas genitálias. A partir disso se apresenta como única forma possível de expressar sexualidade a relação com o sexo oposto, pois justificaria a diferença entre os corpos femininos e masculinos e a reprodução (BENTO, 2010). Quando o indivíduo age fora das normas de gênero, também estaria transgredindo a heteronormatividade. Dialoga com a reflexão de Connel e Pearse de que “meninos e homens que desafiam as noções dominantes sobre a masculinidade por serem gays, afeminados ou considerados fracos são, às vezes, alvo de violência” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.42).

Se os corpos dos indivíduos e suas subjetividades não expressam os padrões de feminino e masculino, automaticamente seus corpos se tornam alvos do “heteroterrorismo”

(BENTO, 2010) que nada mais é do que redirecionar os indivíduos para o comportamento considerado normal ao seu gênero, tendo como fim a heterossexualidade. Isso pode se dar da forma mais sutil ou reações mais violentas aos sinais de diferença. Se um homem não age de acordo com o padrão de masculinidade definido pelo gênero, ele automaticamente é considerado gay, assim como uma mulher é considerada lésbica. A LGBTfobia age também em relação a não correspondência às expectativas de gênero, pois a partir do comportamento a sociedade identifica que se trata de um corpo dissidente da heteronormatividade.

De acordo com Junqueira (2015),

Comportamentos não correspondem necessariamente a assunções identitárias. Bastaria notar que podemos ser ou parecer masculinos ou femininos, masculinos e femininos, ora masculinos ora femininos, ora mais um ora mais outro, ou não ser nenhuma coisa ou outra, sem que nada disso diga necessariamente respeito a nossa sexualidade. (JUNQUEIRA, 2015, p. 110)

O gênero nesse sentido não seria algo que se expresse a partir do corpo e do comportamento ou características de um indivíduo, já que as identidades individuais podem se expressar de múltiplas formas e isso não se traduz na sexualidade. O gênero é uma estrutura social que rege nossa vida cotidiana, mas não uma imposição. É um padrão de redes de relações sociais, demonstra "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (Scott, 1995, p. 72 apud Louro, 1997, p. 21), faz parte da estrutura e da forma como está organizada. A principal característica do diálogo com as teorias que vamos realizando é a desnaturalização do gênero, colocando em discurso como algo cultural e social que influencia as relações dos indivíduos em sociedade. Há uma diversidade muito grande de pessoas, subjetividades e identidades em sociedade que muitas vezes são delimitadas em características biológicas que determinam papéis sociais a partir do gênero.

A sociedade cria significados para as diferenças entre os corpos dos indivíduos e cria normas de comportamento para organizar a vida social a partir dessas diferenciações. Existem formas de falar para saber se o enunciador do discurso é mulher ou homem, roupas, objetos, tudo que faz parte do conjunto de modelos, padrões e condutas do ser homem ou ser mulher em uma determinada sociedade. As diferenças biológicas dos corpos são traduzidas em distinções sociais e em processos de socialização que constroem essas distinções. Assim se dá a desigualdade de gênero, por exemplo, temos as categorias homem e mulher, definidas a partir da diferença entre os corpos, para os quais são construídos universos simbólicos, que devem ser representados por cada indivíduo pertencente à categoria masculino ou feminino.

No imaginário social, o corpo masculino é forte em oposição ao corpo feminino,

frágil. Dentro dessa estrutura a hierarquia dos gêneros coloca o gênero masculino como superior ao feminino, de forma que a masculinidade que é incentivada socialmente também é baseada na misoginia, sexismo e na LGBTfobia por rejeitar o que remete ao feminino. A LGBTfobia aparece nessa relação na forma que um homem “afeminado” estaria se desfazendo do privilégio da sua masculinidade, força, virilidade, ao expressar a fraqueza do feminino. E a mulher que não é considerada feminina estaria se aproximando do masculino, mas como partedo gênero “inferior” não poderia ser como um homem.

Dessa forma a masculinidade incentivada socialmente é a que rejeita sinais do que é considerado feminino. Para a produção dessa masculinidade é necessário definir modelos do que não seguir, para que não se confunda um gênero com o outro, buscando fixar bem as fronteiras, inspirando a LGBTfobia e a misoginia. O preconceito ocorre no processo de socialização através de piadas e gozações, como forma de buscar manter os padrões de conduta dentro dos padrões aceitos de normalidade. Sobre isso Junqueira (2015) aponta:

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. Tais processos – pedagógicos e curriculares – produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre meninos e rapazes. Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade. (JUNQUEIRA, 2015, p. 108)

Junqueira (2015) dialoga com Abramovay (2004) ao entenderem que a construção da masculinidade heterossexual se faz a partir da rejeição do feminino e da homossexualidade de forma que a diferenciação dos gêneros se baseia nas distinções e hierarquização. No social é identificada a diferença biológica entre os corpos, “o gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.48).

Perceber o gênero como estrutura lança sobre ele um olhar que permite visualizar suas múltiplas faces. A relação entre diferença dos corpos, imposição, repressão. Reflete as mudanças sociais e históricas que vem ocorrendo em que o próprio gênero vem sofrendo transformações no decorrer do tempo. Os indivíduos vão buscando novas formas de interpretar o mundo, de estar presente nele a partir de sua subjetividade. Enquanto estrutura, Connel e Pearse (2015) percebem o gênero como algo em transformação, a crise do gênero

seria suas fronteiras frágeis, e por mais que pareçam fixas, imutáveis, estão sofrendo um processo de mudança, o que permite suas diversas reinterpretações.

O trabalho fronteiro está sendo feito constantemente para marcar as fronteiras de gênero, se não em jogos de pega-pega, por meio de piadas, roupas, formas de falar, e assim por diante. A diferença de gênero não é algo que simplesmente existe. É algo que acontece e precisa ser feito acontecer, é também algo que pode ser alterado, tornado menos importante (CONNELL; PEARSE, 2015, p.56).

As fronteiras de gênero são frágeis, parte da construção social, embasada na noção de natureza que daria justificativa para a possibilidade de reprodução dos sexos opostos. Entretanto, essa noção para tentar manter as categorias fixas, não se sustenta por si só, é necessária toda a organização social para marcar as fronteiras do gênero, produzindo e reproduzindo a estrutura, como as autoras afirmam lembrando questões que não tem a ver com a natureza, jogos de pega-pega, roupas, formas de falar, são questões que vão sendo internalizadas no processo de socialização. A diferença entre os gêneros não surge naturalmente, é construída, incentivada, são feitas “cirurgias simbólicas” durante a trajetória do processo de socialização dos indivíduos (BENTO, 2011).

O gênero binário é heterossexual, a partir do momento que os corpos não correspondem às expectativas de gênero automaticamente se presume a homossexualidade. E a LGBTfobia é uma forma de violência e intolerância social que é consentida, por ser uma reação aos “desvios” de gênero e sexualidade. Ao se construir uma sexualidade normal-heterossexual, com finalidade na reprodução, qualquer outra manifestação de sexualidade passa a ser patológica, na perspectiva biológica, pecado, para as instituições religiosas. A diversidade nesse sentido só possui o discurso do diferente, estranho, patológico, a ser reprimido, corrigido. (LOURO, 1997) As crianças no processo de socialização não entendem o que seja a sexualidade em si, mas já entendem o insulto e a violência que reproduzem dos adultos, já buscam expressar essa hostilidade que muitas vezes é incentivada, como forma de construir a heterossexualidade compulsória.

Os meninos crescem evitando afetividade, contato, rejeitando tudo o que remeta a ideia de feminino, como se demonstrar afeto os tornasse menos homens, como se os comportamentos afetassem diretamente seu gênero e orientação sexual. Abramovay (2004), afirma que esse tipo de padrão de masculinidade é por medo do estranho, do diferente e de buscar não confundir o outro consigo mesmo. As expressões de preconceitos são naturalizadas e prestigiadas, Louro (1997) nos fala que meninos e meninas desde cedo aprendem gozações contra os que não correspondem às normas de gênero e sexualidade, antes

de entender de fato o que significa, mas por ser incentivada como conduta correta essa rejeição a diferença.

Obviamente se tem a noção de masculino e feminino como imposição social, e os indivíduos são incentivados a construir sua identidade dentro do ideal de masculinidade ou feminilidade dependendo dos órgãos sexuais que possuem. Mas destaca-se também que os indivíduos não são passivos e podem construir suas identidades ativamente, não apenas como receptores submissos das normas, brincam, transitam, buscam formas de construir e expressar sua própria identidade, mas não ilesos das reações e consequências de não coerência de gênero.

No entanto, muitas vezes os jovens na escola, por exemplo, que se adaptam mais facilmente nas normas de gênero tem a tendência a não querer se deixar confundir com o outro que não se adapta, de forma que essa expressão de distanciamento possa de dar de forma violenta: “a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2019, p. 67). A partir disso podemos refletir que os próprios indivíduos que possuem gêneros inteligíveis auxiliam a exercer essa prática reguladora.

De acordo com Connell e Pearse “nossos corpos são interconectados por meio de práticas sociais e de coisas que fazemos e nosso cotidiano. Simultaneamente, corpos são objetos e agentes das práticas sociais”. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.111-112). Desse modo para que haja a manutenção da estrutura social, é necessário que os corpos sejam ativos. E les possuem sua autonomia dentro da estrutura, e isso é importante, pois para que a estrutura permaneça é necessário que aqueles que fazem parte dela se mantenham ativos nesse processo de produzir e reproduzir o gênero. Cada cultura possui normas diferentes em relação aos papéis de gênero e na organização social, de modo que a reprodução não fornece modelos para as práticas sociais.

Existem expressões de gênero que não possui nenhuma justificativa natural, como já foi discutido sobre roupa, corte de cabelo, sapatos, etc. A estrutura social é o meio em que os sujeitos agem e se relacionam entre si, e essas relações dão continuidade, são anteriores à vida cotidiana e são constantemente atualizadas no movimento da história e de transformação social de modo que continuamos nos comportando dentro do gênero (e nas suas fronteiras), a estrutura continua se atualizando e desenvolvendo, dentro dos comportamentos generificados.

A nossa sociedade é um emaranhado de significados e significantes, redes simbólicas e regras sociais que nos envolvem cotidianamente, e os indivíduos absorvem esses signos,

interpretam a sua maneira e expressam-se a partir de suas interpretações desse mundo. Pensar o gênero nessa rede de significados é pensar o universo simbólico que é construído para as mulheres e para os homens, que evocam uma diversidade de significados, papéis sociais, comportamentos que vão além das limitações naturais. As instituições repassam às crianças as normas sociais definindo modelos a serem seguidos e modelos do que não seguir. Quando há a conformidade com as expectativas sociais para esses corpos, eles recebem sanções positivas, como uma espécie de incentivo para que mantenha seguindo esses modelos ideais que se expressam na forma como se é tratado positivamente em sociedade. Da mesma forma como o “desvio” das normas leva a sanções negativas que buscam penalizar os corpos desviantes.

Sobre isso Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (2015) ressaltam:

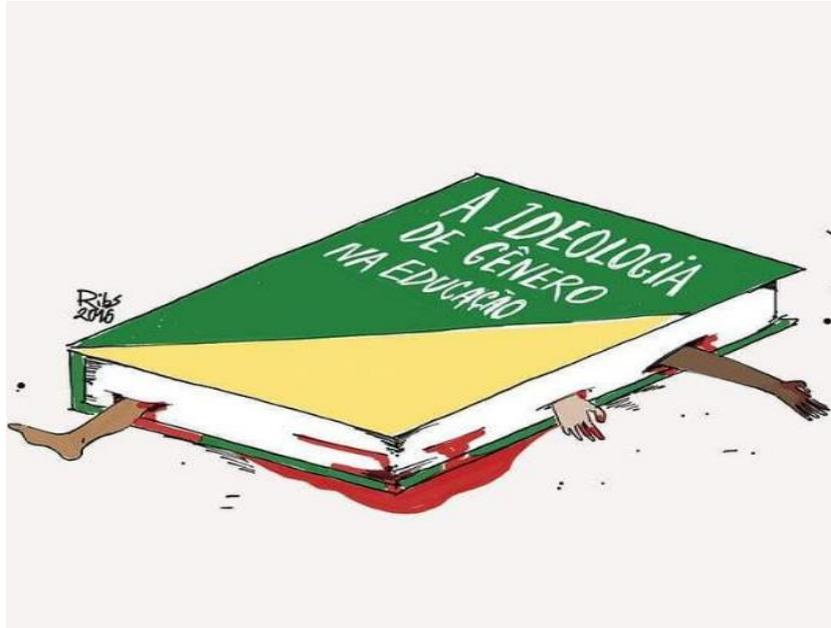
[...] sabemos que aprendemos no dia-a-dia quem deve ser respeitado e quem pode ser injuriado, portanto, não estamos falando de uma patologia em sentido estrito/inato, mas de um problema social/cultural e, se for o caso, de uma patologia produzida pelas normas hegemônicas em torno das sexualidades e dos gêneros. (COLLING, NOGUEIRA, 2015, p. 175-176)

A partir disso percebe-se que há uma permissividade das violências direcionadas à inconformidade com as normas de gênero e sexualidade. Nessa produção da heterossexualidade compulsória, que Berenice Bento (2011) chamou de “heteroterrorismo”, as crianças aprendem os comportamentos considerados aceitáveis em sociedade e buscam agir de acordo com esses comportamentos e passam também a reproduzir as sanções negativas aos indivíduos que não correspondem às normas do gênero e da sexualidade, mantendo a intolerância social em relação à diversidade sexual e de gênero, transmitindo para as gerações futuras a mesma conduta de buscar corrigir os comportamentos de quem transita entre os gêneros ou não se expressa nas paredes do seu gênero amarrado à genitália.

Muitos indivíduos por não corresponderem às normas da sexualidade e do gênero têm a suas trajetórias marcadas por sanções, muitas vezes, violentas que buscam direcionar os corpos para o que é considerado correto, “normal” naquela sociedade. Essas normas fazem parte de uma ordem que é marcada pelo poder, o poder que se exerce sobre os corpos dos indivíduos, claro que os sujeitos também são ativos dentro dessa estrutura, mas o movimento contrário a ela não deixa de ser mais doloroso devido à inadequação e exposição como desviantes das expectativas sociais.

4 GÊNERO, SEXUALIDADE E LGBTFOBIA NA ESCOLA

Imagem II- Charge do Artista Visual e Cientista Político Matheus Ribeiro (Ribs) de 2016.



Fonte: @o.ribs (Instagram)¹⁴

O presente capítulo tem o objetivo de analisar as relações entre gênero, sexualidade e LGBTfobia no contexto da escola. Pensar o binarismo de gênero e sua relação com a sexualidade heteronormativa e como isso influencia as relações de intolerância que são estabelecidas no contexto escolar. Neste capítulo também é realizada uma análise de pesquisas em ambientação escolar sobre LGBTfobia, que possui o intuito de refletir as mudanças ou não que ocorreram no cenário escolar brasileiro em relação ao preconceito e violências contra LGBTQIA+.

4.1 Ser diferente na escola

Ao falar sobre a escola iniciamos uma discussão sobre educação no Brasil, que possui legislação própria, Lei de Diretrizes e Bases (LDB), na qual estão definidas todas as regulações que orientam a educação brasileira. Este documento condiciona os caminhos

¹⁴ Charge retirada do perfil do Cartunista e Cientista Político Matheus Ribeiro no instagram (@o.ribs) e parte do acervo pessoal de imagens arquivadas.

necessários para a sua organização, enfatizando o acesso e a qualidade. Nem sempre a educação foi acessível de forma igualitária a todos, por isso a necessidade de uma legislação que busque essas garantias.

A instituição escolar faz parte de um determinado contexto e, dessa forma, busca socializar os indivíduos que a compõem em relação aos padrões sociais da cultura a qual está inserida. Desempenha o papel de auxiliar, em conjunto com a família, no processo de socialização, produção e reprodução da vida social. Assim, é um espaço que reúne diversidade de identidades, subjetividades, mas que pode possuir dificuldades em como lidar com as diferenças.

É certo que a escola não se encontra isenta do discurso dominante no seu contexto histórico, econômico e social (SILVA SOBRINHO, 2007, pág. 38), sendo assim, visa reproduzir, naturalizar e manter os/as estudantes conformados à lógica da sociedade. Isso já havia sido discutido por Bourdieu (1999), que pontua que a escola, diferentemente do imaginário social, não é um espaço democrático, pois não assegura a igualdade do acesso ao conhecimento, sendo um lugar de reprodução do discurso dominante, que exclui alguns que não têm acesso ao que chamou de capital cultural. Apesar da “educação é para todos, igualitária e acessível”, sabe-se que há discrepâncias em termo de realidade prática, nem todos têm acesso, há uma fragilidade no incentivo à permanência e ainda há como agravante o fato de ser um espaço onde podem ocorrer diversas violências¹⁵

Bourdieu (2009) discorre sobre como as instituições possuem a característica específica de garantir a reprodução da estrutura e da relação de dominação. As aquisições simbólicas em relação às homossexualidades são perpetuadas no imaginário social e a instituição escolar é importante nesse processo. A violência simbólica que ocorre na escola faz com que os/as próprios/as jovens vejam com maus olhos quem eles/elas são devido às constantes reiterações que os colocam na condição de estranhos/as.

Há sempre uma repressão ou controle em relação às diferenças que se traduz em formas de preconceito e violências: classismo, racismo, sexismo, heterossexismo, LGBTfobia e outras formas de gestão das fronteiras da normalidade fazem parte da cotidianidade escolar. (JUNQUEIRA, 2015, p. 103). Pensar as diversidades que povoam o ambiente escolar é pensar

¹⁵ Relatórios de Pesquisa vêm chamando atenção para o adensamento dos casos de violência em decorrência da disseminação de ideias extremistas em jovens. Ver “Violência nas Escolas”. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/violencia-nas-escolas>>. Acesso em 20 ago. 2023.

essa supressão das diferenças e “a invisibilidade é um desses mecanismos e quando ‘o outro’, ‘o estranho’, ‘o abjeto’, aparece no discurso, é para ser eliminado” (BENTO, 2011 p. 4). Isso porque só se fala a respeito como um modelo negativo, incentivando a construção de preconceitos e as expressões das violências que ocorrem a partir disso.

4.2 Binarismo, heteronormatividade e LGBTfobia

Segundo Berenice Bento (2010) a sexualidade é algo vivido de modo privado, e por esta razão é mais difícil exercer o controle sobre ela, de modo que a forma mais eficaz de regular as expressões de sexualidades é através do gênero binário, pois a partir dele seria mais simples identificar comportamentos considerados dissidentes. Ao perceber que os indivíduos agem fora das expectativas há todo um processo social de redirecionamento dos indivíduos aos papéis especificados para seus respectivos gêneros, através de um trabalho conjunto das instituições que ditam as normas e reproduzem as regulações sobre as sexualidades e os gêneros dos sujeitos/as que compartilham o universo simbólico de uma determinada sociedade.

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!” A cada reiteração que um/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada (BENTO, 2010, p. 4)

Bento (2010) chama de heteroterrorismo os constantes redirecionamentos dos corpos para que expressem suas identidades dentro dos respectivos gêneros inteligíveis para que ocorra de forma eficaz a produção da heterossexualidade compulsória. Os indivíduos que não se expressam dentro das normas se tornam alvos das reiterações, são compelidos a agirem de acordo. As afirmações que são destacadas pela autora são muito comuns fazendo uma relação entre gênero e sexualidade, de modo que a não correspondência ao gênero pressupõe a não heterossexualidade.

O corpo nesse sentido, possui as características naturais sobre as quais se constroem um conjunto de significados a partir das diferenciações dos órgãos sexuais. Com essas diferenciações, se constroem dois gêneros e esses gêneros seriam complementares e naturais

devido à possibilidade de procriação. Essa ideia relaciona corpo-gênero-sexualidade, “quando se diz ‘menino/menina’, não se está descrevendo uma situação, mas produzindo masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital” (BENTO, 2011p. 550-551). A materialidade do corpo produz os significados sociais e culturais a partir da forma como se apresenta, criando expectativas sobre com quem este corpo deve ou não se relacionar.

Segundo Guacira Lopes Louro (1997),

“[...] a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não se "enquadrem" dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios” (LOURO, 1997, p.76-77).

Nessa perspectiva, o gênero é relativo à heterossexualidade e os indivíduos que não correspondem ao binarismo de gênero também estariam transgredindo as normas da sexualidade. Por isso há uma constante intervenção e reiterações heteroterroristas com o intuito de garantir através do gênero a produção e reprodução heteronormativa. Isso não significa dizer que os corpos se submetem integralmente às normas, pois como afirma Connell e Pearse (2015), os sujeitos também são ativos no processo de construção do gênero e não simplesmente incorporam as imposições de modelos, como também os criam a partir de suas próprias identidades, subjetividades.

Como já foi citado anteriormente a partir de Butler (2019), em sociedade o gênero e o desejo só seriam problemáticos ao não corresponder à heterossexualidade, nessa perspectiva de gênero binário, heterossexual. Assim como a ideia que traz de performatividade, a imitação das características do gênero problematiza a naturalidade destas, coloca em evidência a produção social de um padrão “original e verdadeiro”.

Entretanto, as diferenças, colocam os corpos em evidência, o que faz com que se tornem constantes as reiterações e sanções. É possível pensar que assim se reproduz a LGBTfobia, o medo de que o processo de produção social da heterossexualidade falhe leva a sociedade a colocar o heteroterrorismo em ação: “a violência é o modus operandi com o qual a heterossexualidade sobrevive inabalável enquanto norma hegemônica” (COLLING, NOGUEIRA, 2015, p. 179). Nega-se a expressão de outras sexualidades e os trânsitos entre os gêneros, como uma forma de excluir, de não permitir a existência, de modo que só é permitido o discurso a respeito quando é algo negativo visando associar ao modelo do que não se assemelhar, manter distante, na condição de extravagante, estranho, antinatural

(LOURO, 1997). Os insultos, as ofensas, as agressões se tornam parte da produção minuciosa da heterossexualidade.

Os “normais” negam-se a reconhecer a presença da margem no centro como elemento estruturante e indispensável. Daí eliminá-la obsessivamente pelos insultos, leis, castigos, no assassinato ritualizado de uma transexual ou de uma travesti que precisa morrer cem vezes na ponta afiada de uma faca que se nega a parar mesmo diante do corpo moribundo. (BENTO, 2010, p.7)

Essa noção de normalidade marginaliza as pessoas que não se enquadram no que é entendido como normal, de forma que a violência contra LGBTQIA+ se torna algo aceitável socialmente, pois seria uma “correção” de algo que é considerado errado. Foucault (1985) fala sobre a produção de uma sexualidade normal e a sexualidade invertida, que seria a representação do homossexual. Esse processo cria uma aversão naqueles que não confrontam as normas sociais em relação à diferença. Constantemente busca-se eliminar a diferença. Nós podemos refletir sobre isso a partir do exemplo que Bento (2010) utiliza sobre o assassinato, como essa rejeição se manifesta na violência LGBTfóbica, que tende a ser mais expressa e mais agressiva contra transexuais e travestis, crimes motivados pelo fato desses corpos estarem em maior evidência subvertendo as normas de gênero e/ou de orientação sexual.¹⁶

A partir dessa violência mais expressa quando o corpo se encontra em maior evidência a transgredir as normas de gênero, podemos refletir a relação de gênero binário heterossexual e lgbtfobia. Percebe-se por meio desta discussão que o comportamento ou não dentro das expectativas de gênero são parâmetros para a intensidade das reações sociais em relação às diferenças. Gilmaro Nogueira e Leandro Colling (2015) refletindo os conceitos de heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, discutem suas relações com a lgbtfobia, tendo em vista que se pressupõe a partir dos comportamentos dos indivíduos, suas sexualidades e identidades.

De modo que a heterossexualidade compulsória se refere à necessidade de que todos sejam heterossexuais para que sejam considerados normais socialmente e a heteronormatividade se apresenta como um modelo em que todas as pessoas mesmo as não heterossexuais devem se organizar de acordo o modelo heterossexual (COLLING,

¹⁶ G1 PE. **Morre mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no centro de Recife.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/paranaguac/ noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml>>. Acesso em: Setembro/2021.
CORREIO BRASILIENSE. **Travesti é amarrada e agredida em porta-mala diante de policiais em Teresina.** Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2021/07/4938738-travesti-e-amarrada-e-agredida-em-porta-mala-diante-de-policiais-em-teresina.html>> . Acesso em: Setembro/ 2021

NOGUEIRA, 2015, p. 181-182). Dessa forma, os corpos que não possuam orientação heterossexual, mas se identifiquem com as normas de gênero se tornam menos alvos da heterossexualidade compulsória e sua violência. Também se pode pensar que há a possibilidade de atingir pessoas heterossexuais que não ajam dentro das normas do binarismo de gênero.

4.3 As meninas são frágeis e os meninos não choram: Lgbtfobia na escola

Para refletir sobre a LGBTfobia na escola discutiremos primeiramente o conceito. Homofobia é um termo que foi utilizado para falar sobre a aversão individual ou de grupos em relação às homossexualidades, como uma reação, um medo irracional individual. É interessante refletir essa classificação, pois essa noção de “medo”, “fobia”, não transmite uma ideia de preconceito social ou de violência. Na história da utilização desse conceito houve ressignificações e discussões que fazem com que hoje abranja vários significados, sentidos, fenômenos, que ultrapassam essa primeira conceituação, possuindo hoje uma colocação política. A homofobia passa de algo que é considerado individual a partir dos sentimentos de repulsa ou aversão, a ser percebida como social, na cultura e nas instituições (PRADO, 2010). Não estamos falando de uma patologia em sentido estrito/inato, mas de um problema social/cultural (COLLING, NOGUEIRA, 2015).

A homofobia possui diversos contornos e no decorrer da história, para Daniel Borrillo (2010), pode vir a ser considerada como um fenômeno banal que se faz presente no cotidiano, uma violência que é consentida socialmente, familiar. Considerada um fenômeno complexo ao se manifestar como piadas, gozações e em outro extremo o desejo de extermínio. Borrillo classifica os tipos de homofobia, nessa discussão nos aproximamos do que ele chama de “homofobia geral” e “homofobia específica”, que se relaciona à discussão realizada anteriormente: em que a homofobia específica é a intolerância direcionada contra pessoas LGBTQIA+, enquanto a homofobia geral refere-se à intolerância a todos que não se adaptam às normas sexuais (BORRILLO, 2010). Atualmente se discute a importância da representação na própria sigla para a colocação em discurso, pois são violências diferentes para cada grupo, por isso a utilização de uma sigla que abranja a diversidade, mas que não a assuma como um grupo só e igual nas formas de preconceito que sofrem, mas destacando que entre esses

grupos também existem diferenças e a necessidade de sua colocação em discurso, por isso a importância do termo LGBTfobia.

Na escola, a homofobia pode se apresentar tanto como a homofobia geral, quanto a específica: quando se identifica um comportamento dissidente, independente da orientação sexual e/ou identidade de gênero ou quando se tem o conhecimento a esse respeito e a essas pessoas são direcionadas agressões, piadas, etc. O bullying LGBTfóbico na escola pode alcançar aqueles que não obedecem às normas sexuais e/ou às normas de gênero, como forma de exclusão das pessoas que se mostram diferentes no espaço escolar.

Segundo Louro (1997, p. 57),

Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" — e também produzir — as diferenças entre os sujeitos.

A escola, não foi acessível às mulheres, aos negros, e aos pobres no passado da mesma forma que é hoje, a educação no país era restrita, à medida que a sociedade foi se transformando e avançando, a escola mudou em conjunto. Com a consciência da desigualdade de acesso alguns mecanismos foram criados visando torná-la mais abrangente, se estendeu às mulheres, aos pobres e aos negros. Podemos pensar a diversidade de programas de acesso e permanência na escola, a questão da desigualdade racial e as cotas na Universidade, por exemplo, isso diversificou o padrão de alunos recebidos nesse espaço (apesar de não solucionar o problema da desigualdade e ainda existir a dificuldade de permanência). Para Louro (1997, p.54), “classe, raça, gênero, sexualidade — não podem ser tratadas como 'variáveis independentes', porque a opressão de cada uma está inscrita no interior da outra — é constituída pela outra e constituinte da outra". As desigualdades e as formas de opressão se relacionam e se confundem no interior da escola.

Com o avanço da sociedade brasileira foram surgindo questões políticas, econômicas e sociais às quais a escola precisou se adaptar. Entretanto, assim como possuímos marcas históricas de desigualdades na sociedade atual, elas também estão presentes na ambientação escolar, que reproduz em seus modelos padrões, as desigualdades de gênero, raça, classe, sexualidade, que fazem parte da nossa sociedade. Ao refletir sobre gênero e sexualidade nesse espaço é importante perceber como qualquer mudança social afeta a escola. Antes era mais

difícil ter acesso à mídia e à informação, e as diversidades não apareciam, supostamente, não estavam presentes em todos os espaços. As pessoas eram inibidas de assumir uma identidade homoafetiva na ambientação escolar e na sociedade como um todo.

De acordo com Louro (2000),

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO, 2000, p. 9)

Então, a diversidade aparece em oposição à norma e se coloca em evidência a partir dessa comparação com o que é considerado padrão em nossa sociedade. Louro observa as relações e as raízes dos reforços entre as desigualdades, o padrão se apresenta como homem, branco, heterossexual, de classe média e cristão. Nos discursos preconceituosos, é comum se ver afirmações de que antes não existiam gays, lésbicas, travestis, transexuais. É possível compreender hoje em dia que na realidade existiam, mas não lhes era possível expressar identidade na sociedade como um todo. A partir disso, nos é possível refletir sobre o avanço da onda conservadora no Brasil, no período de eleições de 2018, observa-se que muitos discursos realizados foram voltados para as escolas, sobre a educação, numa perspectiva religiosa, conservadora, em que se buscava colocar entraves a uma discussão tão necessária que é a educação sexual, diversidade sexual e de gênero na escola.

Muitas fake news circularam no período de eleições com o intuito de convencer as pessoas de uma possível ameaça comunista que visava pregar a ideologia de gênero nas escolas. Este inimigo comum seria responsável por ensinar as crianças a praticar atos sexuais e a serem homoafetivas, o que seria um ataque ao que chamam de família tradicional. Isso repercutiu de forma muito negativa a respeito da discussão de gênero e sexualidade na escola, foi disseminada a ideia de que as crianças precisavam ser protegidas dessa ideologia¹⁷.

As críticas à chamada “ideologia de gênero” são acompanhadas de discursos homofóbicos, que colocam a relação entre pessoas do mesmo sexo como algo errado, perversão, que influencia negativamente as crianças e contraria a família tradicional. A partir disso há dificuldade na abertura da instituição escolar para discutir essas questões. Há sempre

¹⁷ Essas noções de ideologia de gênero e defesa da família tradicional, a partir da disseminação de fake news foi uma das bases da campanha eleitoral do Ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

olhares atentos e reguladores sobre a escola, sobre os professores. Há um silenciamento desses discursos que fixam interdições e de certa forma favorecem as violências que podem ocorrer devido ao silenciamento (FOUCAULT, 1985).

Miguel (2016) argumenta, no caso brasileiro, que as iniciativas legislativas que fomentaram o debate público sobre doutrinação ideológica amplificaram a criminalização da atividade docente, comprometendo qualquer perspectiva crítica e/ou cidadã nas escolas. O conteúdo ministrado deve ser exclusivamente “objetivo”, calcado na ideia de “transmissão de informações” livres da “opinião dos professores”. O docente passa a ser visto como ameaça e suas atividades devem ser fiscalizadas pelas famílias¹⁸.

Enquanto a escola permanecer suprimindo as diversidades, vai continuar contribuindo para a violência. Os incentivos ao diálogo à possibilidade de expressão da identidade de gênero e sexual devem ser garantidos. A educação sexual também é necessária para auxiliar a prevenção e denúncia de abusos sexuais. Não se deseja ser reconhecido apenas por ser reconhecido, mas para que no espaço escolar haja a construção do respeito às diferenças, à singularidade de cada um que está presente nesse ambiente, pois só assim de fato se terá uma inclusão social, quando todas essas diversidades puderem se expressar e dialogar entre si.

A LGBTfobia se apresenta como dominação e poder em relação ao sujeito homossexual, que representa o inferior nessa relação, por não corresponder ao padrão heteronormativo. É preciso pensar como a estrutura social é construída de modo a negar o homossexual e se naturaliza essa rejeição e a violência se torna “aceitável” socialmente: “a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos” (JUNQUEIRA, 2015, p. 104). Na escola pode ocorrer inferiorização, humilhação, direcionamento para a “sexualidade normal” o que não deixa de ser também uma forma de exercer poder e de manter a dominação que se manifesta na rejeição de quem expressa a identidade homoafetiva.

A dominação do corpo e a repressão sobre as homossexualidades se inicia a partir de

¹⁸ Tal cenário permanece, em matéria recente o Portal Metrôpolis noticiou: “Homem armado invade escola e ameaça professoras da filha por “conteúdo ideológico”. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/homem-armado-invade-escola-e-ameaca-professoras-da-filha-por-conteudo-ideologico>>. Acesso em 20 ago. 2023.

casa com a família e é continuada pela escola, que garante a internalização dessas lições. Isso ocorre de forma tão eficaz que é como se fossem naturais as percepções e reações apreendidas no processo de socialização. As próprias pessoas que não se reconhecem no espaço escolar muitas vezes acreditam que realmente elas são o problema.

Estas crianças e adolescentes tornam-se, então, alvo de escárnio coletivo sem antes se identificarem como uma coisa ou outra. Sem meios para dissimular a diferença ou para se impor, o “veadinho da escola” terá seu nome escrito em banheiros, carteiras e paredes, permanecerá alvo de zombaria, comentários e variadas formas de violência que a pedagogia do armário pressupõe e dispõe, enquanto sorratamente controla e interpela cada pessoa. (JUNQUEIRA, 2015, p. 109)

Assim, a partir dessa colocação de Junqueira (2015), que são identificadas as diferenças nos comportamentos fora dos gêneros inteligíveis na escola, e devido a todos os estereótipos negativos atribuídos aos transgressores das normas de gênero e sexualidade que são aprendidos na família, na escola e na sociedade em geral, os indivíduos se tornam alvos das zoações, antes mesmo de ter uma consciência acerca da sua própria identidade de gênero e sexualidade. Junqueira sugere que a escola se utiliza disso que ele chama de “pedagogia do armário” que são as violências que mantém as pessoas acudadas à heteronormatividade, uma forma de controlar e interpelar cada pessoa. Por meio dos mecanismos institucionalizados, como o sistema de ensino é possível manter a permanência das coisas como são. Assim há a manutenção dos preconceitos sociais. (BOURDIEU, 2009, p. 219)

Na educação infantil se inicia o processo de organização dos indivíduos a partir dos gêneros inteligíveis e toda a trajetória escolar e social é pautada nessa divisão, de forma que os preconceitos sociais de gênero e sexualidade se relacionam. Prado (2010) concorda com Bento (2010) ao afirmar que “mais recentemente, verifica-se a circulação de uma compreensão da homofobia como dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero que atinge todas as pessoas, independentemente da orientação sexual, ainda que em distintos graus e modalidades” (PRADO, 2010, p.8).

A sociedade possui estereótipos de masculino e feminino e a expectativa é que os corpos dos indivíduos assumam essas características referentes ao gênero binário que coloca as mulheres como frágeis, emotivas e o homem como forte, que não chora, pouco ligado as emoções, de modo que o ideal de masculinidade construído rejeita o que é considerado feminino, reafirmando a base da masculinidade heterossexual no machismo, sexismo e

LGBTfobia. O gênero binário é um gênero heterossexual que pressupõe heterossexualidade e por isso, mesmo quando não existe relação com a orientação sexual, o comportamento nas fronteiras do gênero é repreendido como transgressão também das normas sexuais. De modo que é possível identificar esses corpos transgressores através do seu trânsito nas fronteiras e a partir disso presumir a não heterossexualidade desses corpos, que leva a manifestações de LGBTfobia. Como podemos observar nos seguintes relatos de entrevistas realizadas em pesquisa anterior sobre LGBTfobia na escola.

Entrevistada 4: Eu já fui chamada de **‘macho-fêmea’**, acho que nos meus... acho que na 8ª série, acho que nas séries fundamentais, **quando ainda tinha aquela questão de chamar a menina que as pessoas achavam que ia ser... Que não eram o que elas esperavam... de macho-fêmea, sapatona e tal...** (RIBEIRO, SOUSA, 2020, p. 22)

Entrevistado 1: [...] **mesmo quando eu não sabia que eu era diferente, as pessoas já me mostravam aquilo de uma forma agressiva.** Já começavam a me chamar de apelidos ou nomes pejorativos ou palavras de baixo calão de todos os tipos. **Às vezes que eu nem compreendia** (RIBEIRO, SOUSA, 2020, p. 24).

Nesses relatos fica clara essa relação da LGBTfobia com o gênero em que os indivíduos entram em consenso no sentido de que os outros definem por eles sua sexualidade a partir de como se expressam e se identificam com o gênero. De forma que essa identificação se deu de forma violenta, no sentido de utilizar palavrões e agressões verbais para agredir e ridicularizar o comportamento entendido como diferente dentro da escola. No primeiro relato “quando ainda tinha aquela questão de chamar a menina que as pessoas achavam que ia ser... Que não eram o que elas esperavam...”, é possível perceber a expectativa de gênero que Bento (2011) fala, ao não corresponder a pessoa fica em evidência e se torna alvo de agressões. No segundo relato “mesmo quando eu não sabia que eu era diferente as pessoas já me mostravam aquilo de forma agressiva” temos a mesma situação, mas importante destacar que o jovem afirma que antes mesmo que tivesse noção ou que pudesse compreender o motivo da violência, já sofria agressões por parte daqueles que o identificavam como um corpo dissidente.

Comportamentos não correspondem necessariamente a assunções identitárias. Bastaria notar que podemos ser ou parecer masculinos ou femininos, masculinos e femininos, ora masculinos ora femininos, ora mais um ora mais outro, ou não ser nenhuma coisa ou outra, sem que nada disso diga necessariamente respeito a nossa sexualidade. (JUNQUEIRA, 2015, p. 110)

Assim gênero e sexualidade se confundem e os preconceitos sociais alimentados em relação a essas categorias se expressam também em conjunto, construindo uma relação corpo-gênero-sexualidade identificando os corpos dissidentes que na escola são alvos do bullying lgbtfóbico, como forma também de buscar inibir, repreender e fazer com que os/as jovens ajam dentro das categorias binárias fixas de gênero.

4.4 LGBTfobia a partir da análise de dados de pesquisas sobre ambientação escolar

A violência presente em escolas brasileiras é alvo de debates constantes, algumas pesquisas nacionais foram realizadas no decorrer dos anos para que se possa ter um aspecto geral do ambiente escolar no país. O objetivo é obter dados valiosos para a construção de uma análise da escola e os desafios que ela possui, pois a partir desse diagnóstico é possível compreender os problemas e buscar formas de solucioná-los. A nossa estrutura social tem sua base em desigualdades de diversas ordens e estas estão presentes na escola. A desigualdade de gênero, etnia, econômica, de orientação sexual está presente na instituição escolar que produz e reproduz os preconceitos sociais, como a LGBTfobia.

A instituição escolar, além de lugar de saber e socialização, pode ser considerada também um espaço de controle, disseminação de preconceitos e violências. Ela assume padrões aos quais os indivíduos que a compõem devem se adequar. Esses padrões são instituídos como normas cada vez mais difíceis de serem contestadas, de forma que se torna mais simples buscar mudar as identidades e subjetividades dos/as estudantes que as regras às quais estão submetidos. Segundo Alexandre Bortolini (2011) essas normas envolvem a rede de opressões e desigualdades que fazem parte das relações escolares. Muitos jovens resistem como contracultura escolar, buscando modos de preservar suas identidades e subjetividades como algo indissociável do indivíduo presente na escola.

Vera Maria Candau (2008) pensa a educação a partir do multiculturalismo, ela afirma que possuímos uma sociedade multicultural e desigual. Existem diversos grupos sociais que não possuem as mesmas oportunidades, sinalizando que muitas vezes é adotada uma política assimilacionista em que se busca, principalmente, a integração dos indivíduos que se encontram à margem social à sociedade sem que se façam reais alterações em sua estrutura. Ao pensar a escola, a autora afirma que esta promove a “universalização da escolarização”, em que todos os/as estudantes oriundos dos mais diversos segmentos sociais são submetidos a um processo de homogeneização escolar. Dialogando com o que Louro (1997) chama de

“corpos escolarizados”, pois a partir do momento que os corpos passam pelo processo de escolarização, confere signos de que passaram pela escola: “Um pré-requisito para juntar-se à turma é desnudar-se, desracializar-se, e despir-se de sua própria cultura” (MCLAREN, 1997, p. 115 apud CANDAU, 2008, p. 50).

Assim, há sempre o intuito de despir os indivíduos das diferenças o que leva a silenciamentos e violências, sendo necessário buscar afirmar as diversidades, para que possam existir na escola. E é um movimento que vem acontecendo, que parte dos próprios alunos que encontram meios de preservar suas identidades da forma que podem e exigir o seu direito de estar presente naquele espaço e expressar sua identidade de gênero e orientação sexual, como fica evidenciado no relato de Tulipa:

[...] mas quando a gente expressa isso, vem da gente, vem da gente, tipo... Seja levar uma bandeira, uma faixa colorida, uma frase do tipo ou até mesmo tá na roupa, tá na música que vai apresentar... Mas é bem difícil a escola dar esse espaço. Pode ser... E quando dá não é uma coisa voltada sabe? Não é uma coisa voltada e sim pra... como se fosse o que?... uma coisa voltada pra cidadania ou coisa de... não sei (risos) (Tulipa- Entrevista)

Para Tulipa, a escola não possui muita abertura em relação às questões de gênero e sexualidade, no entanto, e quando o faz dilui esses debates em questões mais gerais como “cidadania”. A despeito disso, os/as alunos/as buscam formas de autoafirmação e visibilidade nesse espaço, demonstrando um pouco da contracultura discutida por Bortolini (2011). Ou seja, apesar das imposições escolares ou da ausência de discurso sobre essa temática, os/as próprios/as alunos/as encontram meios de expressarem suas identidades de gênero ou sexualidades. Isso é algo que demonstra uma mudança em relação a períodos em que na escola não se desejava ser visto como (ou confundido com) alguém LGBTQIA+.

As pesquisas sobre ambiente escolar evidenciam desigualdades e intolerâncias que fazem parte da nossa sociedade no que se refere a gênero, sexualidade e LGBTfobia. No presente tópico analisaremos as pesquisas “Juventudes e sexualidades” da UNESCO de 2004, “Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015”, da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

A pesquisa da UNESCO de 2004 faz um trabalho de entrevistas com professores, técnicos da educação, alunos e pais de alunos com o intuito de ter uma percepção geral sobre a lgbtfobia no ambiente da escola com todas as pessoas que a compõem.

Nessa pesquisa foram questionados a respeito da violência homofóbica na escola. Alguns pais expõem seus preconceitos ao falar sobre o assunto, demonstrando algo a ser mais reprimido quando se trata de relações homoafetivas entre meninos. As entrevistas com os alunos demonstram alguns tipos de manifestação da LGBTfobia através do bullying lgbtfóbico, também como agressões físicas, os meninos se sentem menos inibidos em expressar essa intolerância, mesmo que não compreendam muito sobre a temática, as meninas se expressam pouco em relação a isso. O que dialoga com as reflexões anteriores acerca da construção da masculinidade.

Pode-se refletir como essa expressão da LGBTfobia é incentivada como uma característica de masculinidade. Na pesquisa, muitos professores admitem ter esse preconceito na escola, alguns não admitem sua própria atitude como agentes dessa intolerância, apesar da forma preconceituosa como apresentam seus relatos, alguns minimizam as expressões de LGBTfobia dos alunos e se mantêm coniventes. É importante refletir ainda que muito jovens os alunos desenvolvem seus preconceitos, quando questionados sobre “quais pessoas ele não gostaria de ter como seu colega de classe, aproximadamente 1/4 dos alunos indicam que não gostariam de ter um colega homossexual” (UNESCO, 2004, p. 280).

Essa distinção no que se refere a gênero e sexualidade se torna bem definida, a ponto de rejeitar os/as colegas homossexuais. Essa reprodução da LGBTfobia que vem desde o ambiente familiar, tendo em vista que “são mais altas que no caso de alunos, as proporções de pais que mencionam que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola do seu filho” (UNESCO, 2004, p. 280). Ao refletir a LGBTfobia como um fenômeno cotidiano, familiar, a violência contra LGBTQIA+ muitas vezes não é percebida como violência. Pode-se observar isso na tabela a seguir retirada da pesquisa:

FIGURA III- Retirada da pesquisa Nacional Juventudes de sexualidades

TABELA 6.4 – Proporção de alunos do ensino fundamental e médio, por sexo e por ordem de indicação, segundo as cinco ações consideradas mais violentas, Brasil – conjunto de 14 cidades, 2000¹

Ações consideradas mais violentas ²	Masculino		Feminino	
	Posição	(%)	Posição	(%)
Atirar em alguém	1º	82,6	1º	86,3
Estuprar	2º	68,5	2º	84,0
Bater em homossexuais	6º	36,1	3º	47,8
Usar drogas	3º	48,1	4º	46,0
Roubar	4º	45,3	5º	44,6
Andar armado	5º	44,0	6º	42,1

Fonte: Pesquisa Nacional Juventudes e Sexualidades, UNESCO, 2004.

Foi destacada essa tabela para análise dentre os outros dados apresentados pela pesquisa de múltiplas abordagens da LGBTfobia na escola, como forma de focar em como os alunos percebem a violência contra LGBTQIA+. Os dados da tabela mostram a percepção de alunos de quatorze cidades sobre as ações consideradas mais violentas e para as participantes femininas da pesquisa bater em homossexuais se encontra na terceira posição de gravidade (47,8%), enquanto para os sujeitos masculinos da pesquisa bater em homossexuais estaria em última colocação (36,1 %). A partir da análise sobre essa tabela percebemos a diferença como meninos e meninas na escola lidam de formas diferentes, os meninos com maior rejeição e hostilidade que as meninas e a percepção da violência em casos de LGBTfobia que para os meninos é algo menos violento.

Mas além dessa discussão, a pesquisa mostra os índices de pais, funcionários da escola e alunos de catorze capitais do Brasil que demonstraram não querer alunos LGBTQIA+ na escola, posicionamento que predomina nos participantes masculinos. Percebe-se nesse período que os preconceitos contra alunos LGBTQIA+ e as violências a que estavam expostos na escola e eram incentivadas, muitas vezes com o consentimento dos funcionários da escola, quando não praticado pelos próprios funcionários.

Na pesquisa que realizei sobre LGBTfobia em escolas de Teresina defendida em 2018, parti de memórias de estudantes universitários sobre suas experiências de LGBTfobia na escola e nos relatos levantados há muitas semelhanças com o cenário escolar que se apresenta na pesquisa da UNESCO que possui dados de 20 anos atrás. O trabalho por partir de memórias de jovens tem relatos que ocorreram a partir de 10 anos atrás.

Foram selecionados alguns relatos para análise e comparação, buscando refletir sobre a ambientação escolar que se apresentava para esses/as jovens¹⁹.

Entrevistado 1 (1º relato): Diziam que eu ia ser isso ou aquilo e até que eu não prestava para ser amigo de ninguém [...] Então eu era isolado. Isso desde o início da minha vida escolar... Também teve situações de violência física mesmo. Tipo de meninos e até meninas debocharem de mim e os namoradinhos até me baterem, aconteceu comigo e outros amigos...

Entrevistada 4 (2º relato): Eu já fui chamada de ‘macho-fêmea’, acho que nos

¹⁹ SOUSA, Luciano de Melo; Ribeiro, Ariadine C.G. Homossexualidade na escola: memórias de violências vivenciadas por jovens LGBTI+ em Teresina. In: SOUSA, Luciano de Melo (Org.). Inquietudes sociológicas: ensaios sobre gênero, sexualidade, cultura, ensino de sociologia e educação. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

meus... acho que na 8ª série, acho que nas séries fundamentais, quando ainda tinha aquela questão de chamar a menina que as pessoas achavam que ia ser... Que não eram o que elas esperavam... de macho-fêmea, sapatona e tal...

Entrevistado 1: (3º relato) Eu não era das pessoas que me mostrava como LGBT e me identificava e tentava me mostrar naquele espaço: “eu sou LGBT e eu vou continuar aqui”. Eu já acabava me retraindo. Mas eu também tinha medo de me mostrar porque eu via que aquelas pessoas que se mostravam, elas sofriam certa rejeição e até uma ridicularização.

Nesses relatos podemos destacar algumas categorias de análise da ambientação escolar a partir da perspectiva dos alunos que vivenciaram as situações de LGBTfobia na escola. A primeira seria a identificação das diferenças por parte dos demais alunos e as reações em relação aos comportamentos dissidentes, colocando em ação as regulações e repressões em forma de gozações, agressões físicas e verbais que eram direcionadas a ele por colegas da escola. Nesse caso os próprios alunos exerciam essa função de repressão, como um mecanismo heterorregulador em que se exerce a marginalização e exclusão (JUNQUEIRA, 2015).

No segundo relato percebemos a LGBTfobia relacionada ao binarismo de gênero em que pelo fato de a Entrevistada 4 não se expressar dentro das expectativas de gênero feminino as outras pessoas já identificavam essa transgressão da norma de gênero como transgressão também da sexualidade, utilizando o marcador pejorativo “macho-fêmea” como forma de apontar que ela deveria assumir um comportamento feminino, mas se comporta fora dos padrões e por esta razão seria um corpo que falharia na produção da heteronormatividade (BENTO, 2010). É interessante refletir que se ela não se expressa dentro das fronteiras do feminino, automaticamente seria um comportamento masculino, pois só lhes são apresentadas essas duas possibilidades.

No terceiro relato é possível perceber que a escola não era um ambiente receptivo às diversidades de gênero e sexualidades, o Entrevistado 1 não se sentia a vontade para se expressar, se retraindo para não sofrer as mesmas violências que via outras pessoas sofrendo na escola. Dessa forma, o bullying lgbtfóbico serve como mecanismo da pedagogia do armário, em que a ambientação escolar se apresenta como espaço de preconceito e violências. (JUNQUEIRA, 2015).

Dessa forma, em comparação com a pesquisa sobre ambientação escolar da UNESCO, pouca coisa mudou de uma época para outra em uma diferença de mais ou menos 10 anos, a escola ainda se mostrava como um ambiente de risco em que o/a aluno/a

LGBTQIA+ não é considerado alguém que deveria estar presente. Alguns agredidos/as, fisicamente ou verbalmente, excluídos/as por não corresponder à heteronormatividade.

A Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil, de 2016, traz uma discussão sobre insegurança no ambiente escolar, que pode levar à evasão, com alguns depoimentos de alunos/as LGBTI+ que falam sobre as motivações de não se sentirem seguros/as nesse espaço. Segundo dados da pesquisa, orientação sexual e gênero lideram as motivações de insegurança: 60,2% dos/as estudantes se sentem inseguros por conta da sua orientação sexual e 42,8% por conta da forma que expressa seu gênero.

Um dos pontos interessantes destacados por essa pesquisa é a invisibilidade de jovens transexuais, Transgêneros e travestis na escola. De modo que só aparecem nas formas de piadas, em um dos depoimentos uma estudante afirma que trans nem se fala nesse meio (ABGLT, 2016 p. 36). Isso mostra a dificuldade que se tem na escola de visibilizar e dialogar com as diversidades e a facilidade que se tem de excluí-las, marginalizá-las, pois não se permite que esses corpos estejam presentes na escola.

A pesquisa busca mostrar as possíveis dificuldades no dia a dia de jovens LGBTQIA+ no ambiente escolar, chegando a um diagnóstico de que há várias razões para se considerar a instituição escolar hostil, principalmente em termos de orientação sexual e gênero. A partir disso os estudantes participantes dessa pesquisa nacional foram questionados sobre questões do cotidiano escolar, os espaços de insegurança que, não por acaso, foram os mais respondidos: banheiro, aula de educação física, vestuário. Isso por se tratarem de espaços dentro da escola em que o corpo fica em evidência e, por conseguinte, a exigência em torno do padrão de gênero heterossexual é maior, ou seja, espaços em que os marcadores de gênero estão bem definidos.

Outra discussão importante que é levantada na pesquisa é a da exposição a comentários preconceituosos, a conclusão que chega a pesquisa é que é algo que faz parte do cotidiano escolar dos estudantes LGBTQIA+ e que pode partir de colegas ou de professores e funcionários da escola, isso faz com que esses indicadores mostrem um ambiente escolar hostil à diversidade.

É possível perceber nessas pesquisas anteriormente citadas que a escola no decorrer dos anos se demonstra um espaço que continua a reproduzir violências contra os/as estudantes LGBTQIA+, com poucas mudanças da pesquisa de 2004 para a pesquisa de 2016, tendo como

principais focos de violência na escola as transgressões das normas de gênero e sexualidade. Os relatos são sempre sobre piadas, agressões físicas e/ou verbais que geram um sentimento de não pertencimento e de inadequação nesse espaço, sofrendo violências ou com a omissão delas por parte de funcionários e professores, fomentando uma percepção de insegurança nesse espaço.

Na presente pesquisa foram realizadas entrevistas com estudantes de escolas de Teresina que estão concluindo o Ensino Médio. Pudemos perceber, em comparação com essas pesquisas Nacionais que foram realizadas em anos anteriores, algumas mudanças: os alunos não percebem/vivenciam a LGBTfobia na escola da mesma forma que anos atrás. Os interlocutores da pesquisa demarcam seu desejo por autoafirmar sua identidade no espaço da escola. Com a informação e acesso à internet, avanços sociais, representatividade entre outros fatores de mudança social, nos mostra uma nova presença LGBTQIA+ na escola que exige para si esse espaço, entretanto, ainda não sem sofrer preconceito, que ainda se faz presente na escola, às vezes de forma menos explícita como nas pesquisas dos anos anteriores.

4.5 A observação da dinâmica de jovens LGBTQIA+ na escola



Fonte: Imagem de autoria própria (2023)

Enquanto professora em uma escola Estadual de Teresina, no momento em que realizava a presente pesquisa, tive a oportunidade de observar por um curto período desse ano (2023) as relações entre jovens LGBTQIA+ dentro da ambientação escolar. E a possibilidade de socializar a pesquisa entre eles, provocando discussões e diálogos a respeito dentro da escola. A partir da temática de gênero e sexualidade, com o objetivo de pensar como a escola interpreta e se relaciona com esses estudantes e como os estudantes se percebem nela e a interpretam. Dessa forma, colocando esses jovens e a escola numa relação recíproca de construção de identidade e afeto coletiva.

Alguns pontos estiveram presentes em todas as discussões com diversas turmas de Ensino Médio. O primeiro diz respeito ao modo como eles se sentem livres na escola para assumir a orientação sexual, de forma que os estudantes buscam cada vez mais assumirem suas orientações sexuais na escola e exigir esse espaço. Tal experiência demonstra o movimento contrário ao da sexualidade enganchada ao armário e a impossibilidade de se sentir acolhido nesse ambiente que marcou as pesquisas anteriores. Eles não descartam a LGBTfobia nesse espaço por parte de colegas e funcionários. Alguns comentavam sobre o ensino fundamental em que o heteroterrorismo discutido por Berenice Bento (2010) “azul é de menino, rosa é de menina” era mais impositivo e tinha reações dos demais em relação aos comportamentos fora das normas de gênero favorecendo situações de bullying. Até nessa etapa que viviam alguns, não todos, evitavam se impor no sentido de não aceitar as agressões verbais que sofriam, muito semelhantes as que foram demonstradas e discutidas “macho-fêmea”, “viadinho”. As agressões e expressões de LGBTfobia direcionadas a esses sujeitos se relacionam com o gênero, fazendo referência a essa ideia de sexualidade heterossexual unida ao binarismo de gênero.

O que mais incomoda os estudantes no geral são os professores, que definem como racistas, homofóbicos, preconceituosos, que utilizam do espaço de suas aulas para afirmações negativas dentro da escola. Entretanto, os alunos reafirmam não aceitarem esse tipo de expressão preconceituosa e nem se calarem. Inclusive, buscando apoio da coordenação e direção da escola se sentirem necessário.

Outro dado relevante encontrado é como a escola não limita as expressões de afeto dos estudantes dentro das suas dependências. Há um grande número de jovens LGBTQIA+

nessa escola e juntos exigem o direito de estar presente e de vivenciar suas relações, afetividade e identidades nesse espaço.

As pesquisas indicam que na demonstração de afetividade é sempre muito comum a troca de afeto feminina, isso se deve ao machismo em que os padrões de masculinidade ideais rejeitam demonstração de sentimento e afeto masculino. Nesse ponto a misoginia e a LGBTfobia se encontram, quando há a rejeição do afeto como algo feminino (ABRAMOVAY, 2004). Logo, para os meninos demonstrarem afeto é algo mais incomum e desencorajado.

Nessa escola, em que pude observar e dialogar com os jovens, também é comum os meninos demonstrarem afeto. É possível presenciar trocas abraços, segurar as mãos, beijos no pátio. Alguns se aproximam para conversar, dialogar sobre os problemas de relacionamentos, mesmo sem conhecer ou ter proximidade, possivelmente por já terem ouvido falar das discussões de gênero e sexualidade podem se sentirem mais a vontade para isso.

Outro ponto que é interessante destacar desses debates, trocas e observações que foram realizadas no espaço da escola é o peso da relação familiar. Como esses estudantes demonstram se encontrar nesse espaço de clareza e autoafirmação e em contrapartida alguns afirmam não conseguirem ter esse diálogo com os pais, que não aceitam que os filhos sejam LGBTQIA+. Disso deriva uma discussão sobre essas relações familiares, LGBTfobia e como esse diálogo e ausência dele impacta negativamente esse processo de autoaceitação com a repressão familiar. Algo que pode ser abordado com mais aprofundamento e cuidado em uma continuação futura da presente pesquisa. Por outro lado, esses relatos também nos informam sobre como a escola pode operar como refúgio para expressão da identidade. A convivalidade entre jovens que partilham dos mesmos desafios pode construir as condições para exercitar sua identidade.

Em relação aos docentes podemos encontrar algumas motivações para a diferença tão marcante desta escola que atuo. Nela a maioria do corpo de funcionários são mulheres, o que possibilita observar que há um respeito maior em relação à diversidade de gênero e sexualidade, diferente de outras escolas que trabalhei em que já presenciei professores homens fazendo comentários pejorativos, homofóbicos em relação a comportamentos de alunos. Obviamente a LGBTfobia não é exclusividade de homens, mas se faz mais comum e mais expressa entre eles. Mais uma vez como Louro (1997) e Abramovay (2004) apontam a

LGBTfobia é mais expressa entre homens por não quererem o outro, o “estranho” confundido consigo.

5 (R)EXISTIR NA ESCOLA: PERSPECTIVA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesse capítulo são apresentadas mais profundamente as entrevistas que foram realizadas. Busca-se dialogar com os/as jovens estudantes de escolas públicas de Teresina a partir das suas percepções e vivências na ambientação escolar, em que se pretende perceber como interpretam a LGBTfobia nesse espaço.

5.1 Perspectiva dos jovens sobre gênero

A escola é um importante espaço de socialização e, como vimos anteriormente, nas pesquisas mencionadas, pode ser palco de diversos tipos de preconceito e violências, não sendo livre das questões que envolvem o contexto que se reflete em seu espaço. Quando pensamos a questão de gênero e sexualidade na escola de hoje, é de conhecimento geral que a escola ainda produz e reproduz muitas intolerâncias sociais. Em relação à LGBTfobia não é diferente.

Entretanto, pode-se perceber que o acesso às discussões das questões identitárias, sobre gênero e sexualidade, trouxe uma mudança nas percepções dos jovens sobre essa temática e como eles se expressam na escola. Nas entrevistas quando questionados/as sobre o que entendem por gênero e sexualidade, os/as participantes da pesquisa trazem reflexões que indicam o peso do gênero como imposição, mas também o refletem como plural além do binarismo.

Eu acho que gênero é uma coisa muito... Eu diria **líquida**, por que tipo assim, não é por que você é mulher que você tem que seguir aquele padrão de que mulher tem que usar saia, homem tem que usar calça. Eu acho que gênero é plural, sabe. Acho que vai além só de um padrão que a sociedade impõe, acho que é isso e também que não existe só dois gêneros que é o feminino e o masculino, existem pessoas não binárias, enfim. (Girassol)

O que eu entendo por gênero é que, tipo assim, ainda é uma questão muito fechada, na minha opinião, porquê quando você nasce você já é colocado naquele padrão né? De gênero e “tals” e você simplesmente não pode escolher, mesmo que não se identifique com o gênero que você nasce né?!E é um **padrão** da sociedade né que colocam e tal em cima das pessoas. (Lírio)

Eu tava até esses dias também me perguntando na verdade, o que eu entendo, por que tá uma coisa assim tão, como é que se diz? **Fluida**. Tipo eu tava até conversando com meus amigos um dia desses que daqui uns anos, acho que uns cinco ou dez anos, quando a gente vê alguém no nosso vínculo uma pessoa grávida, a gente não vai se importar se é homem ou mulher, a gente vai pensar: hum, o que

que ele vai ser? Por que é uma coisa que é muito **particular**, sabe? Bem particular.
(Tulipa)

Em dois dos relatos a respeito de gênero podemos perceber que os/as estudantes possuem um pensamento claro e comum sobre essa questão, assemelhando à noção de Butler (2019) sobre gênero e a fluidez de identidades. Girassol discute a ideia de binarismo, desconstruindo os gêneros inteligíveis e reivindicando sua pluralidade e fluidez, partindo de características que foram discutidas anteriormente sobre buscar naturalizar o uso das roupas, que foi o exemplo utilizado. Essa clareza que apresenta a discussão é muito interessante de perceber que através da informação há um contato e entendimento dessas discussões pelos jovens. Lírio, por sua vez, destaca o caráter padrão, algo que não se pode escolher, que lhe é posto, dentro dessa noção de binarismo, isso lembra o que foi discutido a partir de Bento (2011) sobre o espetáculo do nascimento, em que antes de vir ao mundo o universo simbólico do gênero já está sendo construído.

A reflexão feita por Tulipa é muito interessante em relação à noção de fluidez, como ele reflete sobre a mudança nas percepções de gênero, se antes era uma coisa fechada, binária, há hoje um entendimento de que seja algo fluido, fazendo uma desconstrução e pensando o gênero a partir de uma perspectiva explorada por Butler de uma diversidade de identidades. É interessante a construção de uma reflexão com os colegas de que na percepção deles em alguns anos as pessoas não darão a importância que é dada ao gênero binário, mas reconhecerão a diversidade de identidades, sendo o gênero para Tulipa algo particular de cada indivíduo. Apesar de se tratar de uma realidade que parece ainda muito distante e difícil de por em prática é interessante essa interpretação que faz em relação a gênero.

Percebemos, desse modo, que em todas as perspectivas de gênero dos/as estudantes é problematizada a noção de gênero binário heterossexual, eles possuem um entendimento da fluidez de gênero e da diversidade de identidades que expressam de forma muito objetiva e segura em seus relatos. Isso se relaciona, até mesmo nos termos que utilizam de “liquidez”, “fluidez” revelando o acesso à informação e às discussões que os jovens possuem hoje mais facilmente do que há alguns anos atrás quando havia menos visibilidade para esse tipo de reflexão. É interessante perceber essas mudanças no decorrer do tempo em relação a se apropriar do conhecimento dessa causa específica. Inclusive, Lírio, em outros trechos do relato, menciona ter pesquisado sobre gênero, buscando conhecer mais e entender sobre sua própria identidade.

5.2 Na escola tem diversidade: o protagonismo dos jovens LGBTQIA+

As entrevistas realizadas questionaram os estudantes sobre alguns aspectos relacionando gênero, sexualidade e LGBTfobia, para entender como a instituição escolar se apresenta na perspectiva desses jovens participantes da pesquisa. E nos dados coletados observa-se que há uma “novidade” nas escolas que é a visibilidade da diversidade de gênero e sexualidade, seja trazida pelas escolas ou até mesmo pelos próprios alunos como uma necessidade de se discutir a respeito.

Eles falavam muito sobre, tinha palestra, tinha... acho que pelos alunos levarem aquilo pra eles, entendeu, pros professores, pro diretor e ao mesmo tempo que tinha aquilo de apoiarem, de fazer [...]. Mas eu acho que é bem raro uma escola fazer isso, de dar essa liberdade pra gente mostrar, fazer palestras, fazer slide e falar sobre, sabe? **Então pelo menos pra mim e pro pessoal que tava ali naquela escola foi bem importante a abertura que eles deram pra gente no momento.** (Girassol)

Tipo assim, na minha escola teve várias palestras sobre conscientização, sobre LGBTfobia, sobre homofobia, sobre tudo né, essas questões, já tiveram trabalhos e várias coisas sobre o tema. E assim, **eu acho que tudo vai dessas atitudes vindas da escola mesmo pra dar esse espaço, pra dar essa oportunidade pra conversar, pra ter aquele apoio, sabe?** E também vai da atitude de outras pessoas, porquê, por exemplo, se uma pessoa ela começa a expressar e a ser quem ela é assim e as outras pessoas forem olhando e forem vendo: “nossa aquela pessoa teve coragem!” **E a escola está ali por trás apoiando aquela pessoa, então abre portas pra... abre espaço pra outros alunos também se sentirem confortáveis e se basear naquela coragem... naquela força, sabe?** (Lírio)

Nesses dois relatos podemos perceber que há uma abertura maior da escola para falar sobre gênero e sexualidade, que há uma tentativa de abrir esse espaço para discussões através de palestras, buscando combater a LGBTfobia. É importante ressaltar o protagonismo dos estudantes LGBTQIA+ na escola, eles destacam a importância de a escola fazer esse tipo de diálogo, mas demonstram que isso também parte deles próprios que vêm reivindicando esse espaço para si. E destacam que é raro escolas fazerem isso. Ressaltam que essa mudança positiva de posicionamento na escola em dar visibilidade para essa discussão é importante para os jovens tanto no sentido de disseminar informação e conhecimento como combate à LGBTfobia, quanto para gerar nos estudantes um sentimento de pertencimento e acolhimento naquele espaço, uma forma de sentir que a escola é um espaço em que de fato podem ser quem são. É perceptível uma forma simples de a escola se colocar como acolhedora e que tem um impacto bem profundo nas relações desses jovens com a escola.

Lírio destaca a importância das atitudes da escola ao dar visibilidade à discussão de gênero e sexualidade, pois abre portas para a possibilidade de (r)existir nesse espaço. Ambos os relatos concordam que significa muito para os/as estudantes o apoio da escola, Lírio afirma que assim é possível que os jovens se sintam seguros para expressar sua identidade LGBTQIA+ na escola sem medo e, além disso, quando alguns começam a “assumir” suas identidades sem receios os outros podem se sentir incentivados. Isso lembra a discussão feita anteriormente, no segundo capítulo, sobre os jovens não se sentirem à vontade na escola por presenciarem situações de violência, com a omissão da instituição e entenderem como um risco se expor. Se alguns anos atrás se evitava expressar a homoafetividade na escola devido a possibilidade de sofrer violências e presenciar outras pessoas sofrendo com a LGBTfobia, atualmente já há possibilidades. Esse movimento inverso é bem indicado por nossos interlocutores. Quando a escola garante um espaço de segurança, os jovens se sentem mais livres para serem quem são na ambientação escolar. Esses relatos evidenciam que a (r)existência das diversidades na escola tem aberto diálogos que permitam sua visibilidade e direito a esse espaço.

As mudanças no espaço escolar não podem nos deixar ingênuos a ponto de acreditar que a LGBTfobia vem sendo enfrentada com total empenho em todas as escolas, mas é possível perceber esse avanço. E é importante também salientar os/as estudantes como protagonistas desse processo

Diferente das outras experiências relatadas, Tulipa demonstra outra ambientação escolar na qual não há tanto esse diálogo em relação à diversidade de gênero e sexualidade na escola,

É muito difícil, é uma coisa que é muito difícil mesmo, por que na maioria dos casos assim, que tu percebe que tem certa... como é que se diz? (risos) A palavra aqui sumiu, mas quando a gente expressa isso, vem da gente, vem da gente, tipo... Seja levar uma bandeira, uma faixa colorida, uma frase do tipo ou até mesmo tá na roupa, tá na música que vai apresentar... Mas é bem difícil a escola dar esse espaço. Pode ser... E quando dá não é uma coisa voltada sabe? Não é uma coisa voltada e sim pra... como se fosse o que?... uma coisa voltada pra cidadania ou coisa de... não sei (risos), mas não acredito que seja tão voltada em relação a sexualidade não. Eu pelo menos ainda não vi, se eu tiver por aqui, já tiver feito isso, eu ainda não vi. (Tulipa)

Às vezes por ser algo exigido para a escola, até pelos/as próprios/as alunos, pode ocorrer uma discussão, mas que não seja de fato com o objetivo de dialogar com as

diversidades ou enfrentamento à LGBTfobia. É interessante que ressalta aqui mais uma vez os estudantes, o fato de eles mesmos buscarem se expressar e trazer visibilidade de alguma forma, sendo assim os principais agentes dentro desse espaço a trazer esse debate.

É interessante refletir essa postura como o movimento de contracultura escolar discutido por Candau (2008) e Bortolini (2011) em que por mais que os jovens não tenham espaço para se expressarem ou que a escola não pareça assim tão acolhedora, eles próprios buscam meios para fazê-lo: “seja levar uma bandeira, uma faixa colorida, uma frase do tipo ou até mesmo tá na roupa, tá na música que vai apresentar...”. O que demonstra a importância dessa autoafirmação na ambientação escolar para os estudantes, que pode ser entendida também como uma exigência de estarem presentes como são e de serem acolhidos pela escola.

5.3. Não existe mais LGBTfobia na escola?

A LGBTfobia está presente na instituição escolar, assim como está presente na nossa sociedade como um todo. Apesar disso, na maioria dos relatos e percepções que foram relatadas pelos participantes da pesquisa, há um entendimento de que não percebem as expressões dessa intolerância na ambientação escolar da mesma forma explícita que aparece nas pesquisas que foram anteriormente comparadas. Se antes a agressão física, verbal, as piadas faziam parte de uma pedagogia do armário (JUNQUEIRA, 2015) que mantinha os jovens com receio de não se adequar à heteronormatividade, atualmente nos relatos percebe-se que há um movimento inverso, um desejo de se expressar e afirmar suas identidades como um incentivo aos demais para se espelharem nessa “coragem” e compartilhar o sentimento de acolhimento nesse espaço.

Entretanto, há sempre outras variáveis envolvidas, como a pesquisa trabalhou com jovens que abertamente se assumem, não podemos e nem desejamos afirmar que todos os jovens LGBTQIA+ se sintam seguros em se autoafirmar nessa ambientação. Pode haver questões de preconceito na escola, questões familiares, religiosas, entre outras, que retardem esse processo de autoaceitação. Como professora de ensino médio e pesquisadora dessa temática de gênero e sexualidade, busco dialogar com alunos sobre essas questões e alguns relataram não se sentirem à vontade por conta da família ou por entender que o que sentem é errado, tendo em vista que os próprios pais dizem que Deus não aprova. Então é importante

fazer um parêntese para esclarecer que não são todos os jovens LGBTQIA+ que estão nesse movimento de autoafirmação, ainda há jovens que estão passando por outras situações e que não se expressam e não se sentem a vontade para isso.

Quando questionados sobre a vivência e experiência de homofobia, os/as jovens responderam não ter sofrido essa intolerância diretamente no espaço da escola e não terem presenciado. Apenas Tulipa tem uma resposta afirmativa:

Olha (risos) tenho uma história até que aconteceu comigo, foi até engraçada que eu relevo, relevo bastante, que um “feii” “véi”, veio me chamar de “viadinho”, tipo do nada na escola. **Ele simplesmente me parou, me empurrou assim e falou: “ei viado! O quê que tu quer?” e eu “oxe, esse menino tá louco”.** Aí ele ficou lá perguntando o quê que eu queria e eu disse que eu não queria nada, não queria nem falar com ele... Ele perguntou... **“Tu não deve andar por aqui não e tal”. Aí eu... Aí eu perguntei o porquê né, aí ele disse assim “não, por que tu é assim e tal”. E no tempo eu era mais viadinho do que eu sou hoje, entendeu, botava umas pulseiras no braço toda coloridinha “véa” e ia.** Aí ele disse que não era o meu lugar, aí eu falei que também não era o lugar dele que ele era muito feio e que era pra ele sair dali, ele tinha que se tocar. Aí ele se doeu e foi chorar, mas (risos) isso é só um... foi engraçado no momento, mas eu relevei bastante. (Tulipa)

Essa fala de Tulipa traz várias questões importantes em relação à homofobia na ambientação escolar. Primeiramente, a violência do empurrão e do insulto, o colega incomodado com a sua presença fica buscando insultá-lo ao chama-lo de “viadinho”, pela leitura que fez da não conformidade com o gênero e seus estereótipos e se sentiu à vontade para afirmar que ele não deveria andar lá por causa do seu jeito, por ele ser “assim”. Como Louro (1997) e Abramovay (2004) afirmam sobre a homofobia ser mais expressa entre os meninos por não quererem o outro, o “estranho” confundido consigo. Manifesta-se nessa fala em não querer o colega próximo, naquele espaço. E em se sentir no direito de afirmar que ele não deveria estar ali.

Em segundo lugar, a percepção de tulipa sobre si mesmo, em seu relato ele pontua: “E no tempo eu era mais viadinho do que eu sou hoje, entendeu, botava umas pulseiras no braço toda coloridinha “véa” e ia”. Ele percebe como utilizar acessórios não considerados “masculinos” o colocava em maior evidência, tanto que relata isso junto com a violência sofrida, como se isso “explicasse” o porquê do colega agir dessa forma. Ele dialoga com as questões de gênero e sexualidade quando tem a percepção de que a não conformidade com o gênero pressupõe a não heterossexualidade (BENTO, 2010).

Em terceiro lugar é importante perceber a banalização da violência homofóbica sofrida por ele, inclusive afirmando que é algo engraçado que aconteceu com ele e que

relevou bastante, que devolveu os insultos e fez o outro aluno chorar. É possível perceber que para ele a violência que sofreu não foi tão relevante, pois, inclusive, parece demonstrar não perceber como ato violento. Entretanto, a postura de revidar, de não aceitar esse tipo de agressão faz parte desse movimento reivindicatório do seu lugar na escola, que os jovens participantes da pesquisa demonstram estar sendo realizado pelos alunos LGBTQIA+.

De modo que não se busca mais esconder, negar para não ser alvo de violências, mas sim estar visível na escola. Isso se deve muito ao acolhimento, tanto da própria instituição escolar quanto de não estarem sozinhos, tendo em vista que é algo cada vez mais comum LGBTQIA+ que se assumem na ambientação escolar. E também do processo de desconstrução e entendimento de que a forma como se sentem não é errado, não é pecado, através do conhecimento e que gera essa segurança de que eles têm o direito de estarem nesse espaço, que é inclusive o que está sendo discutido no relato. Se não fosse essa consciência de Tulipa, talvez em outra situação, realidade, ele realmente pudesse acreditar que o errado era ele, que de fato ele não deveria estar ali.

Tulipa quando questionado sobre presenciar a agressão no ambiente da escola traz esse relato:

[...] que nesse dia eu tava no banheiro, tinha ido pro banheiro, aí simplesmente eu só escutei uns gritos de uma certa confusão que tava tendo ao lado, sabe? **Aí eu saí e tinha uns caras simplesmente batendo num... no outro, só por ser gay. Eu acho que ele foi com a unha pintada e foi só uma, uma unha pintada e começou a xingar ele, a bater e tal, eram dois.** Aí bicho eu... eu não pensei duas vezes, te juro. Eu só fui e fui logo pra cima. Aí tinha uma cesta de lixo, eu taquei em um, mas eu... O bom é que tinham pessoas por perto e escutaram e vieram, mas o foda é por que sobrou pra mim, não foi nem pra eles, o menino tava lá... tinha um lá sangrando, o que foi agredido né, tava sangrando, mas a escola foi tão fela da puta por que só sobrou pra mim. **Eu sei que eu fui errado de ter tacado a lixeira no menino, mas foi uma coisa que me doeu, me doeu bastante eles ali batendo no cara simplesmente por ser gay. Eu me coloquei no lugar e fui lá, bati mesmo, tava nem aí não.** Aí o outro eu só empurrei, fiz essa bondade com ele, que eu só empurrei e... Foi aí que eu... Chamou os outros pessoal "tudim" que vieram né, **mas eu não me esqueço desse que eu só fiquei muito... com muita raiva por que só tinha sobrado pra mim, não sobrou pro... Eles saíram ilesos, querendo ou não saíram ilesos,** eu tive que mandar um pro hospital (risos). (Tulipa)

Nesse relato, Tulipa reafirma algo que foi discutido anteriormente na análise da pesquisa ABGLT sobre espaços inseguros na escola, sendo o banheiro um desses espaços, que foi cenário da violência relatada. Essa agressão teve aparentemente como pivô a unha pintada do menino, expressando uma característica considerada do gênero feminino e devido a isso gerou reações no banheiro masculino em agredir e xingar o jovem que estava com uma

única unha pintada. Aqui a gente vê mais uma expressão da pedagogia do armário (JUNQUEIRA, 2015) em que os próprios estudantes são reguladores da heteronormatividade dos outros estudantes através de piadas, xingamentos e nesse caso de agressão física.

A partir da perspectiva de Tulipa é possível notar a reação que teve ao se colocar no lugar do estudante agredido, demonstrando um sentimento de acolhimento, quando afirma que doeu nele ver o colega sendo alvo de agressões por ser gay, por ter pintado uma unha de preto. A inconformidade com a agressão por se expressar dentro da escola vem em conjunto novamente com a postura de buscar enfrentar a LGBTfobia de alguma maneira, de não aceitar esse tipo de atitude nem que seja revidando a agressão.

Nesse relato podemos perceber também a omissão da instituição escolar em relação às agressões motivadas por LGBTfobia e de certa forma, como não houve punição para os agressores, essa impunidade promovida pela autoridade escolar faz parecer como algo não importante, não houve um aprendizado por parte dos agressores, não houve um apoio ao estudante vítima das violências. Tulipa que revida a agressão foi punido, mas os que agiram motivados pela LGBTfobia não. Isso representa certa conivência com a violência LGBTfóbica. E como foi dito anteriormente há sempre variáveis, se para os outros dois entrevistados a escola se mostra mais aberta ao diálogo e acolhedora à diversidade, Tulipa já evidencia uma escola omissa e conivente com essa situação de violência LGBTfóbica.

É interessante destacar que anteriormente ele demonstrou não perceber a agressão verbal sofrida por ele como violência, mas já tem essa interpretação nessa situação de agressão física sofrida pelo colega. Podemos refletir sobre essa dificuldade apresentada pelos jovens entrevistados em perceber as formas de intolerância e violência no cotidiano e que não se apresente na forma de agressão física. Em todos os relatos quando questionados sobre terem sofrido ou presenciado situações de LGBTfobia, os participantes, com exceção de Tulipa afirmaram não ter sofrido e nem presenciado:

Não, nunca fui graças a Deus (risos).

Sempre foi de boa, tinha um ou outro que olhava estranho, mas eu realmente nunca tive muito problema com isso não, quase nenhum na verdade, sempre foi muito de boa. Problema sempre mais foi só com a família e tudo mais, mas com a escola sempre foi muito de boa. (Girassol)

Não, eu nunca fui agredida verbalmente e nem fisicamente, eu nunca sofri homofobia e nem na escola e também nunca vi ninguém sofrendo, na minha escola não. E também nunca me senti desconfortável, por que minha escola tem... É... (risos) Como é que eu falo? Tem muitas pessoas, tem muitos homossexuais, enfim (risos). (Lírio)

Há essa afirmação de que não tiveram contato com a homofobia em si e que não tiveram experiências de violência, com exceção da entrevista com Tulipa. Entretanto, apesar dessa negação do contato com essa violência na escola, todos/as possuem um relato a respeito de situações preconceituosas. Isso se deve possivelmente a essa percepção da violência apenas como agressão. Entretanto em outros relatos eles demonstram ter tido contato de outras formas:

Sim, acho que eu nunca tive esse medo, esse receio não, era mais assim quando eu via que... Que uma pessoa ali não queria ver sabe? Aí eu já me retraía. Só que nunca tive esse medo nem nada. Eu sempre fui muito de boa, como eu tava bem comigo, eu não me importava, sabe? Então pra mim sempre foi muito de boa. Sempre tem aquele por cento que é ruim, mas eu sempre levei numa boa. (Girassol)

Tinha um professor meu, professor de filosofia, ele era muito rígido em relação a isso, tipo assim, a forma que ele falava era acho que passiva agressiva, sabe? Tipo ele ficava insinuando que ah mulher nasceu pra ficar com homem e homem com mulher e se nasceu mulher é mulher, se nasceu homem é homem e esse tipo de coisa. E tipo assim, ele era homofóbico e ele assim, assediava as meninas da minha sala, tipo assim, ele ficava olhando de uma forma estranha e esse tipo de atitude, sabe? (Lírio)

Nesses relatos, Girassol e Lírio trazem perspectivas interessantes, pois ambos afirmam não sofrerem agressões verbais ou físicas, não presenciarem e nem ter nenhum tipo de contato com a LGBTfobia. Entretanto, quando questionados eles trazem algumas reflexões que são importantes para questionar esse entendimento. Girassol fala que não tinha receio nem medo de se expressar, mas se retraía de acordo com alguém que demonstrasse incômodo, como se sentisse que deveria se encolher para não deixar o outro desconfortável com sua forma de agir e se expressar. E em seguida ele reafirma que “sempre foi muito de boa”, que tem uma porcentagem ruim, mas “sempre foi muito de boa”. Esse relato expressa essa não percepção e até mesmo negação dessas situações que não são palpáveis como a agressão física.

Lírio fala sobre experiência de LGBTfobia por parte do professor em sala de aula em que ele faz afirmações LGBTfóbicas a partir da noção de binarismo de gênero, disseminando preconceitos no espaço de sala de aula, além da denúncia de assédio por parte das alunas. A partir desse relato vemos as questões de gênero entrelaçadas às de sexualidade, preconceitos que se reforçam e são propagadas na ambientação escolar. Ainda assim ela continuou afirmando que a escola dela não havia essas situações. De fato a ambientação escolar exposta por Girassol e Lírio parece ser mais acolhedora do que a escola apresentada por Tulipa, mas

nos próprios relatos é possível perceber que não é um ambiente onde não exista LGBTfobia. Assim, quando questionados sobre o contato/ relação com os funcionários:

Eu acho que os funcionários em si da escola, eles lidam melhor do que os próprios professores e diretores, porque sempre é uma tia legal, um tio legal e os professores já são mais... sabe? Principalmente o diretor da escola sempre é a pessoa que é mais pra lá do que pra cá com isso, entendeu? (Girassol)

tinha também a parte da preocupação, que na verdade eles tem uma preocupação que é tipo, na escola não é legal vocês andarem de mãos dadas, não é... esse tipo de coisa. (Girassol)

Ah e funcionário também, já vi sim, são... Não, eu não digo que são poucos, porque a gente não tem essa... tanta proximidade com quem é funcionário da escola né, não com todos, mas tem uns que sim, já cheguei a presenciar que são bem homofóbicos. (Tulipa)

A partir dos relatos anteriores observamos esse contato com a LGBTfobia que parte da própria escola. Girassol fala que o diretor e os professores tem mais essa dificuldade em lidar com as diversidades em comparação com os demais funcionários. E é interessante que em sua entrevista fala como a escola é aberta ao diálogo, mas que ao mesmo tempo possui essas questões em sala e com o diretor, em que relata que tinha uma preocupação com a violência, mas coloca como prevenção não se expressar dentro da escola “não é legal andar de mãos dadas”. Dessa forma, dá a entender que o enfrentamento à LGBTfobia seria o LGBTQIA+ não se expressar ou não estar presente na escola.

E ainda é entendido como uma espécie de preocupação por parte de Girassol isso de dizer que é bom evitar contato. Nesse relato podemos perceber que a interpretação que ele faz seria de ser uma preocupação em proteger os alunos e não em reprimir, quando dá margem para pensar em ambas as intenções. Tulipa afirma que apesar da falta de proximidade já viu que alguns funcionários são LGBTfóbicos. Dessa forma, os três participantes da pesquisa vivenciaram ou viram situações de LGBTfobia por parte de professores e/ou demais funcionários da escola, o que demonstra que por mais que afirmem não sofrer com diretamente, ela não deixa de fazer parte dos seus cotidianos no ambiente da escola. Além da LGBTfobia que parte dos demais estudantes e que muitas vezes a escola se mantém omissa, como o caso apresentado anteriormente no relato de Tulipa.

Ao serem questionados sobre o contato com os demais estudantes revelam algo positivo de uma relação de convívio que não há violências, acolhimento e diálogo, mostrando um cenário diferente das pesquisas realizadas anteriormente sobre ambientação escolar que foram expostas no capítulo anterior.

Sempre foi de boa, tinha um ou outro que olhava estranho, mas eu realmente nunca tive muito problema com isso não, quase nenhum na verdade, sempre foi muito de boa. Problema sempre mais foi só com a família e tudo mais, mas com a escola sempre foi muito de boa. (Girassol)

Assim, eu nunca vi nenhum aluno fazendo piadas, sendo homofóbico, nunca vi e geralmente quando as pessoas é... vão estudar lá, eles já chegam já com a sua orientação sexual ali já e identidade de gênero também e a aceitação dos demais colegas héteros é tranquila, sabe? Eles não falam nada, não agridem. A relação é uma das melhores. E assim, se acontece é muito pouco sabe? E é muito escondido, tipo, mas abertamente, eu nunca vi ninguém sorrindo de ninguém ou fazendo piadinha e essas coisas. (Lírio)

Olha, pelo menos os que eu falo é excelente. É excelente assim, não tem aquele negócio de... por eu ser o que eu sou, eles deixarem de falar comigo, até porque se deixassem não ia fazer diferença, mas é muito legal, muito legal mesmo, inclusive meus dois melhores amigos, eles são héteros, pelo menos é o que eu acho e... os da escola, nossa são (risos) eu amo, inclusive eu amo demais, demais, por que quando... eu lembro que quando era presencial nossa a gente se juntava, era aquela roda e eles se abriam demais (Tulipa).

Para os estudantes interlocutores dessa pesquisa os colegas são mais abertos e não têm preconceitos no contato com eles. Girassol destaca que o maior problema é o ambiente familiar que é um espaço que nem sempre é acolhedor aos jovens LGBTQIA+, o primeiro espaço de socialização que busca direcionar os/as jovens para a sexualidade considerada “normal”. Pontua que houve olhares estranhos, mas não se importa com isso (postura comum dos/as entrevistados/as). Lírio reafirma que no ambiente da escola a LGBTfobia não é algo explícito e que os demais colegas possuem uma boa convivência. Dialoga com Tulipa em relação a isso, no geral, o contato é positivo, sem LGBTfobia explícita. Esse preconceito de acordo com as entrevistas parece não ser tão percebida ou sentida apesar de ainda estar presente.

Ainda tem muito né esse negócio de homofobia realmente na escola, só que é bem restrita, bem restrita mesmo, sabe? Em alguns casos, tem caso que tem alguma homofobia e a pessoa já vai lá e começa a tirar satisfação de tal coisa, mas acredito que as coisas estão mudando tanto em relação a isso, tá abrangendo tanto o não se importar realmente (risos), com o que a pessoa é que quem é homofóbico, a gente acaba não reconhecendo tanto sabe? Eu mesmo às vezes não reconheço, mas escuto sobre... sobre tal pessoa ser... ser homofóbico sabe? (Tulipa)

É muito interessante as posturas que vemos nas entrevistas dos estudantes em relação a situações de LGBTfobia em seu entorno ou contra eles mesmos, é possível perceber que os jovens não possuem tanto uma percepção da LGBTfobia ou não dão tanta importância para isso. É provável que por conta de as pessoas não expressarem de forma tão explícita seus preconceitos ou caso façam os/as participantes da pesquisa aparentam não se importar com as situações. Isso de acordo com o material colhido se deve ao apoio que encontram entre os

demais estudantes LGBTQIA+ e demais estudantes no espaço da escola, em estarem bem em relação às suas identidades de gênero e sexualidade, sem se importar com o que falam ou pensam a respeito deles, que é algo muito difícil de desvencilhar nesse espaço.

Eu enquanto tava na escola, ensino médio, eu tinha o cabelo grande, não tinha cortado o cabelo ainda, então era uma coisa bem de boa, bem tranquila, por eu ter o cabelo grande e por ninguém ali saber que eu gostava de menina, na época, então acho que eu passava bem de boa. Mas eu tenho certeza que se fosse atualmente, eu com cabelo curto e tudo isso, acho que seria diferente o tratamento, porque tem muito isso do estereótipo, então [...] Recentemente eu me entendi como uma pessoa trans. Então eu me identifico como um homem trans agora e sou heterossexual. (Girassol)

Nesse relato de Girassol podemos observar que percebe a relação entre gênero e LGBTfobia em que entendia “passar de boa” porque correspondia às expectativas de gênero femininas, apesar de gostar de meninas. Entretanto, destaca que seria diferente atualmente, quando não corresponde mais a essas expectativas e se identifica como homem transexual. Dessa forma, apesar de a trajetória escolar ter sido tranquila, poderia ter sido diferente, como fala Berenice Bento (2011) sobre os corpos que estão em maior evidência ao transgredir as fronteiras do gênero.

[...]mesmo as coisas estando, como é que se diz? Meio que melhorando em relação a isso por um lado, tem muita gente ainda que é... quando vê que a pessoa vai se expressar e tal, já acha que é zuada, já acha que é mimimi e afins e a gente às vezes não se sente tão seguro não. **Porquê expressar isso é... querendo ou não tem que ter muita coragem, sabe? Mas a gente não se cala assim não, querendo ou não a gente se expressa nem que seja da forma mais silenciosa que tem, mas a gente se expressa, mesmo que não seja seguro, mas uma coisa nossa.** (Tulipa)

Quando questionado sobre se sentir seguro no espaço da escola, diferente de Girassol e Lírio, Tulipa demonstra preocupação que apesar que as coisas estejam mudando e este espaço se apresente diferente do espaço hostil que vimos em outros relatos de outras pesquisas, observa que ainda tem muita resistência e reações. Afirma que apesar da insegurança parte dos alunos essa necessidade de se expressar de alguma forma, por ser algo deles. Novamente aparece a importância e a necessidade de autoafirmação e a necessidade de reivindicar o direito de ser/estar na escola.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa aborda as relações entre gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola. Essa temática surgiu a partir de dados obtidos em uma pesquisa realizada anteriormente sobre memórias de violências motivadas por LGBTfobia na ambientação escolar. Os dados obtidos através de entrevistas estabeleciam relações entre a LGBTfobia e o gênero. Os participantes da pesquisa relacionavam situações de violência que sofriam com a leitura que as demais pessoas faziam das categorias gênero/heterossexualidade.

Assim a presente pesquisa se dedicou a investigar as relações de diálogo e intolerância no cotidiano de jovens estudantes LGBTQIA+. A instituição escolar enquanto cenário da discussão é colocada em foco como essencial no processo de construir, reproduzir ou auxiliar a desconstruir preconceitos sociais. Dialogar sobre a diversidade de identidade de gênero e orientações sexuais na escola é uma forma de visibilizar os/as sujeitos/as que se expressam além da heteronormatividade ou fora das normas de gênero. Como forma de combater LGBTfobia na ambientação escolar, para que a escola possa ser mais acolhedora.

Entende-se a escola como uma instituição atravessada pelas questões sociais da sua realidade histórica e cultural. Ela possui seus padrões e normas que refletem nossa sociedade, e dessa forma, também não está alheia às raízes profundas de preconceitos sociais que fazem parte da nossa formação histórica, social, cultural: como o racismo, machismo e a LGBTfobia. Essas intolerâncias sociais acabam se expressando na ambientação escolar, muitas vezes esses preconceitos se relacionam e se reforçam, como a LGBTfobia e a misoginia.

É possível perceber a partir dos relatos dos estudantes a relação entre as normas de gênero, sexualidade e LGBTfobia na escola. É citado algumas vezes nas entrevistas, por exemplo: quando Tulipa fala sobre um comentário homofóbico de outro estudante e Tulipa afirma que nessa época ele era até mais “viadinho” por usar acessórios coloridos, algo que não é considerado masculino, como se justificasse a agressão sofrida pela aparência que ele tinha. Ou quando Girassol fala que o a escola foi bem de boa, mas por que ainda se enquadrava num padrão de feminilidade e que se fosse hoje em dia talvez fosse diferente, enquanto homem trans. Assim, os próprios estudantes demonstram ter entendimento dessa relação gênero/heterossexualidade e quando não se expressam dentro das normas de gênero se colocam em evidência e passam por possíveis situações de LGBTfobia. O heteroterrorismo só pode ser eficaz quando se controla as sexualidades a partir do gênero.

As discussões sobre gênero, sexualidade e LGBTfobia se apresentam como uma exigência da atual realidade social em que essas discussões se tornam cada vez mais necessárias e indispensáveis como forma de visibilizar, gerar conhecimento e combater formas de preconceito. É interessante observar na pesquisa atual um movimento de mudança em relação a uma maior abertura da escola em realizar esse diálogo e dos estudantes em assumir orientação sexual na escola. Percebemos que as relações de conflito não desapareceram, entretanto, a abertura da escola oferece uma possibilidade de (r) existir nesse espaço.

Essa geração de jovens LGBTQIA+ que estão presentes na escola e que tem contato com discussões de gênero e sexualidade através da internet, pelas redes sociais, possuem clareza e entendimento a respeito da diversidade de gênero e sexualidade, algo que antes não era comum. Observamos que possivelmente esse contato, entre outras possíveis variáveis, fornece uma apropriação de conhecimento que empodera. As interpretações que os jovens fazem sobre os conceitos a partir da realidade deles e como boa parte busca assumir suas orientações sexuais e/ou identidade gênero na escola como forma de se colocar em evidência e exigir esse espaço. Exemplo disso é o que comentado por Lírio, ao observar que não estão sozinhos, pois tem muitos estudantes que se assumem LGBTQIA+ na escola, o que de certa forma inspira, garante que encontrem apoio entre eles próprios, mesmo que esse apoio não venha da escola.

Isso não diminui a importância da escola que se coloca em posição de acolhimento dessa diversidade que reúne. Segundo Girassol, quando questionado sobre o espaço que a escola dá para a diversidade: “Então pelo menos pra mim e pro pessoal que tava ali naquela escola foi bem importante a abertura que eles deram pra gente no momento”. Assim como Girassol, Lírio também traz uma observação da importância do acolhimento da escola:

Tipo assim, na minha escola teve várias palestras sobre conscientização, sobre LGBTfobia, sobre homofobia, sobre tudo né, essas questões, já tiveram trabalhos e várias coisas sobre o tema. E assim, eu acho que tudo vai dessas atitudes vindas da escola mesmo pra dar esse espaço, pra dar essa oportunidade pra conversar, pra ter aquele apoio, sabe? (Lírio)

Nesses relatos fica evidente a diferença que uma escola acolhedora às diversidades faz para os estudantes e que influencia também nesse movimento dos estudantes LGBTQIA+ estarem cada vez mais se assumindo na escola. Entretanto não há o intuito de deixar transparecer que na escola não existe mais LGBTfobia, mas esclarecer que ela também poder ser espaço de diálogo e acolhimento e que quando assume essa postura faz a diferença na vidas desses estudantes.

Em contrapartida Tulipa já apresentou uma Ambientação escolar diferente da de Girassol e Lírio: falta de apoio da escola, postura de omissão em uma situação de bullying LGBTfóbico, sem buscar resolver o problema. E ele enfatiza em seu relato que quando algo é feito na escola sobre diversidade é algo que parte dos próprios alunos. A intolerância, a violência, não deixa de fazer parte do cotidiano, quando não ocorre maneira mais nítida, aparece de forma velada, que faz com que os jovens tenham dificuldade em identificar LGBTfobia em algumas situações que relataram. Ou às vezes, a minimização da violência, como em uma situação como a que se passou com Tulipa de outro estudante dar a entender que aquele espaço da escola não era para ele e Tulipa ao falar sobre demonstra não ter se importado tanto, relevar, reduz a agressividade do ocorrido. Há uma associação da LGBTfobia à agressão física e nem tanto a outras formas de agressão. Observa-se assim a banalização da violência, algo comum, que não tem importância.

Conclui-se que a escola aparece como um local de trânsito de diversidades, mas contraditoriamente, não demonstra saber abranger a diversidade que possui. Isso se expressa na negação, na falta de diálogo, em não acolher os estudantes ou ser omissa em situações de agressão e violência. O que se deseja é a produção da heterossexualidade, ao mesmo tempo em que se rejeitam as expressões homoafetivas dos/as jovens LGBTQIA+ na escola, como o relato de Girassol que demonstra essa repressão mais sutil em tom de cuidado. O que se entende a partir disso é que a causa da LGBTfobia seja a presença e afirmação dessas pessoas nesse espaço e para evitar é necessário reprimi-las, quando na realidade o foco de atuação deveria ser buscar entender por que alguns jovens não conseguem compartilhar do mesmo espaço com alguém diferente de si sem submetê-lo a algum tipo de violência. E como essa forma de preconceito continua sendo reproduzida dentro e fora da ambientação escolar.

Nesse aspecto, observa-se que há uma necessidade urgente de um debate sobre diversidade sexual nas escolas, visando à possibilidade das identidades homoafetivas estarem presentes nesse ambiente sem o sofrimento de violências. Ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a nossa sociedade mude e seja possível perceber essa liberdade, respeito e aceitação de forma mais profunda em toda a sociedade. Isso é um processo que vem ocorrendo de questionar a escola e colocá-la em movimento no sentido de avançar em busca de mudanças sociais, através da sua abertura para discussões pertinentes a realidade social no intuito de incentivar sua contribuição para o avanço da nossa sociedade. Desse modo espera-se que se torne cada vez mais justa, igualitária e que valorize e respeite a diversidade. E se coloque como auxiliar na desconstrução de preconceitos e não na sua reprodução.

REFERÊNCIAS

- ABGLT. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015:** as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade.** Brasília: Unesco, 2004.
- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Revista Estudos Feministas, n. 2, 2001.
- BENTO, Berenice. **As tecnologias que fazem os gêneros.** In: VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Rio Grande do Norte: UFRN, 2010.
- _____. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOURDIEU, P. **A escola conservadora:** as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. Escritos de educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual e de gênero na escola.** Revista Espaço Acadêmico, nº 123, Agosto, 2011.
- BOZON, **Sociologia da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRASIL. Presidência da República. **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Câmara dos Deputados. Brasília, 1961. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade:** as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n.37, jan/abr. 2008.
- CECCARELLI, P. R.; FRANCO, S. Homossexualidade: verdades e mitos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades,** v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

COLLING, L.; NOGUEIRA, G. **Relacionados, mas diferentes:** sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade *In:* Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação, org. Alexsandro Rodrigues, Catarina Dallapicula, Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira. Vitória: EDUFES, 2015, p. 173- 184.

CONNELL, Raewin; PEARSE, Rebecca. **Gênero:** uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Heteronormatividade e vigilância de gênero no cotidiano escolar.** *In:* Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação, org. Alexsandro Rodrigues, Catarina Dallapicula, Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira. Vitória: EDUFES, 2015, p. 101- 124.

LENOIR, Remi. **Objeto sociológico e problema social.** *In:* MERLLIÉ, Dominique. **Iniciação à prática sociológica.** Petrópolis: RJ: Vozes, 1996.

LIMA, Fátima. **“O que pode o corpo?”:** fronteiras e transposições. *In:* Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação, org. Alexsandro Rodrigues, Catarina Dallapicula, Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira. Vitória: EDUFES, 2015, p. 201 - 212.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista - Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In:* **O corpo educado.** Guacira Lopes Louro, (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

PONTES, Ângela Felgueiras. **Sexualidade:** vamos conversar sobre isso? Promoção do Desenvolvimento Psicossexual na Adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar, 2011. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/24432/2/Sexualidade%20vamos%20conversar%20sobre%20isso.pdf>>. Acesso em: Setembro/ 2021.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. *In:* BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry (*et al.*). **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3ª. Ed. – 10. reimp. – São Paulo: Atlas, 2009.

SOUSA, Luciano de Melo; RIBEIRO, Ariadine Cristine Gonçalves. Homossexualidade na escola: memórias de violências vivenciadas por jovens LGBTI+ em teresina. *In:* SOUSA,

Luciano de Melo (Org.). **Inquietudes sociológicas**: ensaios sobre gênero, sexualidade, cultura, ensino de sociologia e educação. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio Da. “**Eu odeio/adoro Sociologia**: sentidos que principiam uma prática de ensino”. *In*: PLANCHEREL, Alice Anabuki (org.) Leituras sobre sociologia no ensino médio. Maceió: EDUFAL, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO I - ENTREVISTAS

Girassol, 17 anos (Entrevista 1)

Apresentação: “Eu tenho 17 anos e eu já terminei o Ensino Médio, porque fiz supletivo, agora eu faço técnico em enfermagem. Terminei em dezembro do ano passado”. “Recentemente eu me entendi como uma pessoa trans. Então eu me identifico como um homem trans agora e sou heterossexual”.

1- O que você entende por homofobia/ lgbtfobia?

Falando por mim, todo dia é um risco, **é um risco de tanto de agressão quanto de morte mesmo, porque tem muita gente ruim e a gente sofre discriminação em qualquer lugar, em qualquer lugar sempre vai ter alguém pra discriminar a gente só por quem a gente é, por a gente ser o que a gente é.** Do mesmo jeito que tem muita gente que apoia, é 50:50, eu diria, todo dia é um risco.

2- O que você entende por gênero?

Ah sim, eu acho que gênero é uma coisa muito... eu diria líquida, porquê tipo assim, não é porquê você é mulher que você tem que seguir aquele padrão de que mulher tem que usar saia, homem tem que usar calça. Eu acho que gênero é plural, sabe. Acho que vai além só de um padrão que a sociedade impõe, acho que é isso e também que não existe só dois gêneros que é o feminino e o masculino, existem pessoas não binárias, enfim.

3- Gênero e homofobia estão relacionados na escola?

Ah com certeza, com certeza, ainda mais por vir de pessoas que deviam estar ali pra educar e pra proteger e são pessoas que não tem a informação correta pra passar pros adolescentes e pras crianças, que eu acho que é bem necessário sim essa conversa, tanto educação sexual, como coisa de gênero, acho que tudo é bem importante, ainda mais hoje em dia, sabe? **Porque a criança e o adolescente sendo informado, acho que o preconceito diminui, porque tudo é um preconceito das coisas né, então quando a gente tem um conhecimento, a nossa cabeça se abre pra tudo, então eu acho q a informação seria a salvação, entendeu?**

4- Qual espaço a escola dá para a diversidade de sexualidade e gênero?

A experiência que eu tive no ensino médio com isso foi que assim lá onde eu estudava era muito... visto, tipo assim, **eles falavam muito sobre, tinha palestra, tinha... acho que pelos alunos levarem aquilo pra eles, entendeu, pros professores, pro diretor e ao mesmo tempo que tinha aquilo de apoiarem, de fazer... as palestras, enfim, tinha também a parte da preocupação, que na verdade eles tem uma preocupação que é tipo, na escola não é legal vocês andarem de mãos dadas, não é... esse tipo de coisa. Mas eu acho que é bem raro uma escola fazer isso, de dar essa liberdade pra gente mostrar, fazer palestras, fazer slide e falar sobre, sabe? Então pelo menos pra mim e pro pessoal que tava ali naquela escola foi bem importante a abertura que eles deram pra gente no momento.**

- 5- Você já foi agredido (verbalmente ou fisicamente) no ambiente da escola por conta da identidade de gênero e/ ou sexualidade?

Não, nunca fui, graças à Deus (risos).

- 6- Qual a atitude de professores e demais funcionários da escola nessas situações de violência?

Eu acho que os funcionários em si da escola, eles lidam melhor do que os próprios professores e diretores, porque sempre é uma tia legal, um tio legal e os professores já são mais... sabe? Principalmente o diretor da escola sempre é a pessoa que é mais pra lá do que pra cá com isso, entendeu?

- 7- Como é o contato com os demais alunos da escola?

Sempre foi de boa, tinha um ou outro que olhava estranho, mas eu realmente nunca tive muito problema com isso não, quase nenhum na verdade, sempre foi muito de boa. Problema sempre mais foi só com a família e tudo mais, mas com a escola sempre foi muito de boa.

- 8- Você se sentia seguro e acolhido na escola para expressar sua identidade de gênero e orientação sexual?

Sim, acho que eu nunca tive esse medo, esse receio não, era mais assim quando eu via que... que uma pessoa ali não queria ver, sabe? Aí eu já me retraía, só que nunca tive esse medo nem nada. Eu sempre fui muito de boa, como eu tava bem comigo, eu não me importava, sabe? Então pra mim sempre foi muito de boa. Sempre tem aquele por cento que é ruim, mas eu sempre levei numa boa.

9- Para você como a escola poderia ser mais acolhedora?

Eu acho que por tudo que a gente tá passando, que a gente já passou, pelos tempos que a gente tá, **acho que já devia ser uma coisa bem natural, porque é uma coisa natural, e aí eu acho que eles deviam só tratar como natural, entendeu? E do mesmo jeito que eles acolhem uma pessoa heterossexual, uma pessoa cis, eles deviam acolher uma pessoa trans, homossexual. Sem isso de hétero ou não hétero, só acolher as pessoas em geral, entendeu?**

10- Com a pandemia e as aulas virtuais, você percebe a homofobia online, nos grupos da escola, nas redes sociais?

Ah com certeza, mas aí um ponto bem importante, que eu acho até que é bem válido também, **eu enquanto tava na escola, ensino médio, eu tinha o cabelo grande, não tinha cortado o cabelo ainda, então era uma coisa bem de boa, bem tranquila, por eu ter o cabelo grande e por ninguém ali saber que eu gostava de menina, na época, então acho que eu passava bem de boa. Mas eu tenho certeza que se fosse atualmente, eu com cabelo curto e tudo isso, acho que seria diferente o tratamento, porque tem muito isso do estereótipo, então. Mas aí vem a parte da rede social que eu acho que é mil vezes pior. De todas as coisas aí, a rede social é o que mais afeta, é muito ruim o que a gente lê, sabe? Tanto pra mim, quanto para as outras pessoas que são LGBT, é muito difícil às vezes.**

Recentemente eu me entendi como uma pessoa trans. Então eu me identifico como um homem trans agora e sou heterossexual.

Lírio, 17 anos, 2º ano do Ensino Médio (Entrevista 2),

1- O que você entende por homofobia/ LGBTfobia?

Sim, pelo meu entendimento é que LGBTfobia é a discriminação por identidade de gênero e orientação sexual, o que eu sei também é que no Brasil é onde ocorre mais esse preconceito e é crime... só que a minha opinião não é bem estruturada assim, é bem complicado

2- O que você entende por gênero?

O que eu entendo por gênero é que, tipo assim, ainda é uma questão muito fechada, na minha opinião, porque quando você nasce você já é colocado naquele padrão né? De gênero e “tals” e você simplesmente não pode escolher, mesmo que não se identifique com o gênero que você nasce né?!E é um padrão da sociedade né que colocam e tal em cima das pessoas. Tipo assim, na minha escola, quando tem alguém que se identifica com... é... o sexo oposto ao que nasceu é muito fechado, não é uma questão que é discutida abertamente, tipo, a pessoa geralmente tem vergonha de dizer ou medo. Porque, tipo assim, essa questão de gênero pra mim é meio assim... Então a minha pessoa, na minha cabeça, porque eu acho... Eu não tenho certeza, mas eu me identifico com os dois, sabe? Mas eu ainda não sinto um conforto ao pensar nisso, sabe? Eu sinto medo, medo da rejeição, essas coisas. Tipo assim, quando a gente faz pesquisa sobre gênero no google ou em qualquer lugar a gente vê um padrão. Por exemplo, eu fui pesquisar sobre gênero fluido, só que lá aparece mais como: você se identifica como gênero feminino, masculino e fluido entre vários outros... E tipo assim, na minha cabeça isso já é a imposição de um padrão, entendeu? Tipo como se pra eu ser gênero fluido, eu tivesse que ser... que fluir entre esses todos, entendeu?

3- Gênero e homofobia estão relacionados na escola?

Sim, infelizmente estão relacionados sim, tipo assim, apesar de ser uma coisa já de boa, mais tranquila, não é cem por cento. Sempre tem aquelas pessoas que acham que... Ai não sei o que, tu quer ser homem, tu quer ser não sei o que, umas coisas assim meio nada a ver, sabe? E aí assim na escola, apesar de ser assim mais aberto, tem gente que não consegue, porque às vezes até uma pessoa próxima ali, um colega de turma tem aquele preconceito, sabe? E aí acho que as pessoas tem medo né, das outras se afastarem e não conseguem ser quem são, se expressar e tal. Por exemplo, na escola é... como eu já sei disso,

porque isso não era pra ser uma insegurança né? Mas infelizmente se torna uma porquê a gente não sabe como a pessoa vai reagir. **E aí quando eu entrei, fui pra uma turma nova, ou seja, pessoal ali nenhum num sabia nada de mim, não sabiam quem sou. E tipo assim, eu sei que não é obrigatório você chegar e aí dizer que: ah eu sou lésbica e pá, pá, pá, só que tipo, era pra ser algo muito natural, entendeu? Por exemplo, estavam falando de namorado, essas coisas, não sei o que e eu ficava calada, porquê eu ficava com aquele medo de tipo, não sabia como elas iam reagir e enfim... Mas na diretoria da minha escola, na secretaria, ano passado teve um incidente numa mãe homofóbica né chegar lá e querer discutir com uma menina porquê ela estava se relacionando com outra e o diretor não deixou a mãe entrar e conversou com as alunas de uma forma totalmente, assim, o que era pra ser o normal, entendeu, só que a gente fica maravilhado quando uma coisa assim acontece. E aí ele conversou, perguntou se elas eram namoradas e tudo e disse que era pra tomar cuidado, que esse tipo de pessoa não era confiável e tals. Tipo, ele não brigou, ele não falou nada assim, ele agiu de uma forma natural, entendeu? E eu acredito que na minha escola nessa questão de gênero, os alunos se sentem mais confortáveis por causa dessa atitude do diretor, que eu acredito que a maioria das pessoas saibam né, dos alunos. Mas assim, na minha escola eu nunca vi ninguém é... utilizando nome social, não sei se fala assim.**

4- Qual espaço a escola dá para a diversidade de sexualidade e gênero?

Eu acho que assim, tudo vai de atitudes é claro né... Tipo assim, na minha escola teve várias palestras sobre conscientização, sobre LGBTfobia, sobre homofobia, sobre tudo né, essas questões, já tiveram trabalhos e várias coisas sobre o tema. E assim, eu acho que tudo vai dessas atitudes vindas da escola mesmo pra dar esse espaço, pra dar essa oportunidade pra conversar, pra ter aquele apoio, sabe? E também vai da atitude de outras pessoas, porquê, por exemplo, se uma pessoa ela começa a expressar e a ser quem ela é assim e as outras pessoas forem olhando e forem vendo: “nossa aquela pessoa teve coragem!” E a escola está ali por trás apoiando aquela pessoa, então abre portas pra.. e abre espaço pra outros alunos também se sentirem confortáveis e se basear naquela coragem... naquela força, sabe?

- 5- Você já foi agredido (verbalmente ou fisicamente) no ambiente da escola por conta da identidade de gênero e/ ou sexualidade?

Não, eu nunca fui agredida verbalmente e nem fisicamente, eu nunca sofri homofobia e nem na escola e também nunca vi ninguém sofrendo, na minha escola não. E também nunca me senti desconfortável, por que minha escola tem... É... (risos) Como é que eu falo? Tem muitas pessoas, tem muitos homossexuais, enfim (risos).

- 6- Qual a atitude de professores e demais funcionários da escola nessas situações de violência?

Tinha um professor meu, professor de filosofia, ele era muito rígido em relação a isso, tipo assim, a forma que ele falava era acho que passiva agressiva, sabe? Tipo ele ficava insinuando que ah mulher nasceu pra ficar com homem e homem com mulher e se nasceu mulher é mulher, se nasceu homem é homem e esse tipo de coisa. E tipo assim, ele era homofóbico e ele assim, assediava as meninas da minha sala, tipo assim, ele ficava olhando de uma forma estranha e esse tipo de atitude, sabe? E aí eu acredito, não tenho certeza, mas eu acredito que denunciaram ele por conta dessas falas e desse assédio, por que ele não trabalha mais lá. E tipo, ele saiu pouco tempo depois que essas coisas aconteceram e que a gente viu na minha sala, no caso ano retrasado.

- 7- Como é o contato com os demais alunos da escola?

Assim, eu nunca vi nenhum aluno fazendo piadas, sendo homofóbico, nunca vi e geralmente quando as pessoas é... vão estudar lá, eles já chegam já com a sua orientação sexual ali já e identidade de gênero também e a aceitação dos demais colegas héteros é tranquila, sabe? Eles não falam nada, não agriem. A relação é uma das melhores. E assim, se acontece é muito pouco sabe? E é muito escondido, tipo, mas abertamente, eu nunca vi ninguém sorrindo de ninguém ou fazendo piadinha e essas coisas.

- 8- Você se sentia seguro e acolhido na escola para expressar sua identidade de gênero e orientação sexual?

Não me sinto desconfortável na minha escola.

9- Para você como a escola poderia ser mais acolhedora?

Eu acho que uma forma da escola ser mais acolhedora é ela sempre é normalizar isso, sabe? E ter palestras sobre e principalmente com os pais, isso é muito importante. E acolher os alunos e não ter aquela coisa, aquele julgamento e conscientizar os alunos sobre isso, identidade de gênero e orientação sexual.

10- Com a pandemia e as aulas virtuais, você percebe a homofobia online, nos grupos da escola, nas redes sociais?

Tipo assim, na minha escola já não tem muito né, no presencial e nas aulas remotas diminuiu mais ainda. **Não tem, não vejo pessoas fazendo piadas com outras, nem sendo preconceituosas, nem nada. A única coisa que eu vejo é mais aquela dúvida sabe? Tipo a pessoa postar uma foto ou fazer algum status, alguma coisa assim e outra pessoa vir e perguntar, entendeu? Ficar curioso em questão daquilo e perguntar: ah qual é a tua orientação sexual? E tal, essas coisas. Mas de falar mal ou de julgar assim, não, eu não vi.**

Tulipa, 18 anos, 3º ano do Ensino Médio (Entrevista 3)

1- O que você entende por LGBTfobia/homofobia?

Olha pra ser bem sincero contigo, antes eu tinha meio que uma opinião formada, ainda mantenho ela, mas tenho outra opinião em questão de experiência, sabe? Eu acho que na maioria dos homofóbicos, pelo menos que eu conheço em relação à experiência são pessoas mal resolvidas com a sua sexualidade, sem mentira nenhuma, acho que de uns cinco que eu conheço, três são mal resolvidos. Eu sei que eles são e acho que tão cedo vão se assumir e eles são super homofóbicos, sendo que no fundo eu sei que eles são. Dois são casados e os outros vivem no mundo. **Já outro o outro lado são pessoas que realmente cresceram... Eu acredito muito que a gente aprende em relação ou vendo ou sendo instruído àquilo. Acho que... essas pessoas já cresceram com essa ideologia de que ser gay ou lésbica e tal é bem errado a ponto de você ser um baita filho de uma puta e sei lá arregaçar com a vida dele.**

2- O que você entende por gênero?

Olha, é uma pergunta que eu tava até esses dias também me perguntando na verdade, o que eu entendo, por que tá uma coisa assim tão, como é que se diz? Fluida. Tipo eu tava até conversando com meus amigos um dia desses que daqui uns anos, acho que uns cinco ou dez anos, quando a gente vê alguém no nosso vínculo uma pessoa grávida, a gente não vai se importar se é homem ou mulher, a gente vai pensar: hum, o que que ele vai ser? **Por que é uma coisa que é muito particular, sabe? Bem particular.** É se fosse uns anos atrás, ainda hoje, o pessoal acha que quando é um gênero e tal: homem tem que fazer tal função, mulher tem que fazer tal função e as funções que ainda ficam na nossa cabeça, a gente cresceu com essa ideologia, sabe? De tal função tem que ser dada à mulher e tal função deve ser dada ao homem. Eu acho que isso simplesmente tá se tornando uma coisa... que vai ser passado, acredito que vai ser passado essa ideologia. Acredito que pelo menos as pessoas que eu conheço por perto, que a gente entende... **Te falei que a gente tava conversando que daqui um tempo a gente não vai se importar em tratar gênero, sabe? Seja o que for. Eu não sei nem se eu expliquei bem porquê, como eu te falei, era uma pergunta que eu tava fazendo pra mim mesmo até esses dias em relação a entender sobre, porquê é uma coisa tão pessoal, mas tão pessoal mesmo que... você entender sobre, é uma coisa que enfim, acho que é incabível em alguns casos.**

3- Gênero e homofobia estão relacionados na escola?

Sim, é bem perceptível, bem perceptível mesmo, mas teve uma coisa que mudou bastante, antes as coisas, quando a gente já notava um menino... Eu mesmo, eu mesmo quando eu brincava com as meninazinha e tal, aí vinha um zé mané, dizia que eu era viadinho, etc e tal. Aí rolava aquela bagaceira toda só que (risos)... Tinha uns que defendia, uns que não defendia, mas rolava muita coisa né. Só que hoje em dia é uma coisa que... **Ainda tem muito né esse negócio de homofobia realmente na escola, só que é bem restrita, bem restrita mesmo, sabe? Em alguns casos, tem caso que tem alguma homofobia e a pessoa já vai lá e começa a tirar satisfação de tal coisa, mas acredito que as coisas estão mudando tanto em relação a isso, tá abrangendo tanto o não se importar realmente (risos), com o que a pessoa é que quem é homofóbico, a gente acaba não reconhecendo tanto sabe? Eu mesmo às vezes não reconheço, mas escuto sobre... sobre tal pessoa ser... ser homofóbico sabe? Não, não ser gay... Aí fica uma coisa tão assim, que a gente realmente às vezes, principalmente hoje em dia a gente não sabe... não sabe de fato e quando sabe é por alguma piadinha que joga na internet, as vezes fake porque a pessoa é tão escrota que não mostra a cara, mas sim, é bem perceptível isso nas escolas, bem perceptível mesmo.**

E até mesmo, pelo menos na escola que eu estudei ou acredito que ainda... que ainda exista casos que... Eu vou te dar exemplo dessa escola que a gente fez a feira de ciências. Eles simplesmente dividiram as tarefas só pra quem era... era notório, não tinha mais explícito, mas era notório, a gente percebeu isso, que eu... eu e os meninos fazia tal coisa que as meninas não faziam e as meninas faziam tal coisa que a gente também não fazia, mas a gente sabia, a gente entendia que era por questão do nosso gênero. **E tem... tem uns casos que não sei se joga muito, muito explícito pro lado da homofobia, mas acredito que sim, de quando a pessoa, ela quer se libertar indo pra escola, quer fazer alguma coisa em algum evento, chega lá um membro da escola e diz não, dá uma desculpa, mas a gente sabe que a desculpa é que afeta em relação... quer dizer, afeta não, é direcionada à sexualidade da pessoa. Acredito que isso se encaixa na homofobia.**

4- Qual espaço a escola dá para a diversidade de sexualidade e gênero?

É muito difícil, é uma coisa que é muito difícil mesmo, por que na maioria dos casos assim, que tu percebe que tem uma certa...como é que se diz? (risos) A palavra aqui sumiu, mas quando a gente expressa isso, vem da gente, vem da gente, tipo... Seja levar uma bandeira, uma faixa colorida, uma frase do tipo ou até mesmo tá na roupa, tá na

música que vai apresentar... Mas é bem difícil a escola dar esse espaço. Pode ser... E quando dá não é uma coisa voltada sabe? Não é uma coisa voltada e sim pra... como se fosse o que?... uma coisa voltada pra cidadania ou coisa de... não sei (risos), mas não acredito que seja tão voltada em relação a sexualidade não. Eu pelo menos ainda não vi, se eu tiver por aqui, já tiver feito isso, eu ainda não vi. Mas acredito que as escolas dão certos eventos e coisas do tipo e podem não se importar tanto em relação a pessoa se expressar, mas elas sempre se importam, sempre tem aquele grupo seletivo. Pelo menos na visão deles.

E vamos ser sincero que a escola só permite quando é algo que lhe convém, porquê, tem uma coisa que eu tava até falando sobre isso, não é nem questão de diversidade de sexualidade e de gênero, mas... uma coisa que eu fico meio incomodado, me incomoda um pouco, mas né nem tanto... em relação a matéria de religião na escola, entendeu? Não é assim pra falar sobre isso, mas fugindo um pouco do assunto, tem esse negócio da matéria de religião e quando têm eles só botavam coisa em relação ao catolicismo. Eu ficava tipo... quando no tempo... eu era católico, mas depois eu saí e fiquei pensando, véi pra quê botar uma... pra quê meio que impor... Ok poderia ter, mas também falar de outras religiões, mas não... falar só de catolicismo... Então... elas... a escola ainda tem muita doutrina, muita doutrina mesmo, de... tipo passado, bem passado.

5- **Você já foi agredido (verbalmente ou fisicamente) no ambiente da escola por conta da identidade de gênero e/ou sexualidade?**

Olha (risos) tenho uma história até que aconteceu comigo, foi até engraçada que eu relevo, relevo bastante, que um fei véi, veio me chamar de viadinho, tipo do nada na escola. Ele simplesmente me parou me empurrou assim e falou: “ei viado! O quê que tu quer?” e eu “oxe, esse menino tá louco”. Aí ele ficou lá perguntando o quê que eu queria e eu disse que eu não queria nada, não queria nem falar com ele... Ele perguntou... Não tu não deve andar por aqui não e tal. Aí eu... aí eu perguntei o porquê né, aí ele disse assim “não por que tu é assim e tal”. E no tempo eu era mais viadinho do que eu sou hoje, entendeu, botava umas pulseiras no braço toda coloridinha véa e ia. Aí ele disse que não era o meu lugar, aí eu falei que também não era o lugar dele que ele era muito feio e que era pra ele sair dali, ele tinha que se tocar. Aí ele se doeu e foi chorar, mas (risos) isso é só um... foi engraçado no momento, mas eu relevei bastante. Mas não, tirando esse fato, não passei por isso não, mas já vi passando, já vi passando sim, hum... Teve

uma vez que... Cara, foi uma coisa assim tão... Tão aleatória, tão do destino, porquê se eu realmente não tivesse ali presente teria dado uma baita merda... que nesse dia **eu tava no banheiro, tinha ido pro banheiro, aí simplesmente eu só escutei uns gritos de uma certa confusão que tava tendo ao lado, sabe? Aí eu saí e tinha uns caras simplesmente batendo num... no outro, só por ser gay. Eu acho que ele foi com a unha pintada e foi só uma, uma unha pintada e começou a xingar ele, a bater e tal, eram dois. Aí bicho eu... eu não pensei duas vezes, te juro. Eu só fui e fui logo pra cima. Aí tinha uma cesta de lixo, eu taquei em um, mas eu... O bom é que tinham pessoas por perto e escutaram e vieram, mas o foda é por que sobrou pra mim, não foi nem pra eles, o menino tava lá... tinha um lá sangrando, o que foi agredido né, tava sangrando, mas a escola foi tão “fela da puta” por que só sobrou pra mim. Eu sei que eu fui errado de ter tacado a lixeira no menino, mas foi uma coisa que me doeu, me doeu bastante eles ali batendo no cara simplesmente por ser gay. Eu me coloquei no lugar e fui lá, bati mesmo, tava nem aí não. Aí o outro eu só empurrei, fiz essa bondade com ele, que eu só empurrei e...foi aí que eu.. chamou os outros pessoal tudim que vieram né, mas eu não me esqueço desse que eu só fiquei muito... com muita raiva por que só tinha sobrado pra mim, não sobrou pro... Eles saíram ilesos, querendo ou não saíram ilesos, eu tive que mandar um pro hospital (risos).**

6- Qual a atitude de professores e demais funcionários da escola nessas situações de violência?

Alguns professores só vão pra separar, mas as vezes não fazem tanta coisa né. Tem alguns professores que não fazem absolutamente é nada. Só deixa lá e os alunos que se resolvam, parece briga de galo e em relação aos funcionários, tem os que realmente separam. É incrível, é incrível, incrível, incrível, incrível que não teve relação a... como é que se diz... a violência em relação a sexualidade na escola, mas das que teve sem ser isso, as tiazinhas da limpeza eram massa demais, elas iam pra cima e empurravam mesmo pra separar de fato, então, eu admito muito os funcionários, tem muito funcionário que realmente vai, que tem aquele negócio de levar pra direção de até ajudar o ferido ou o outro (risos), mas tem uns professores que armaria, caso de morte.

Você já viu algum professor ou funcionário sendo homofóbico?

Já sim, com certeza, já até discuti com um (risos). Eu já discuti acho que... Pra tu ter noção, foi até uma das coisas que eu acho que ele foi expulso da escola, não por homofobia, mas por questão de desacato a algumas coisas. Foi o professor... Eu até fiquei tão surpreso por que foi o professor de filosofia, mas também não esperava tanto, que tem uns que nossa, armaria! Mas sim, já vi sim, que... Inclusive a discussão foi porque ele pediu simplesmente pra citar um cantor, aí ele foi reportar logo pra mim, oh pra quê. **Aí eu falei né que tava gostando muito da Pablo Vittar, foi no primeiro ano do ensino médio, 2019 isso acho. Aí ele virou e falou: Pablo Vittar? Na hora que ele fez essa pergunta, o pessoal já olhou assim com uma olhada que eu até eu entendi que foi a mesma olhada que eu dei, mas eu dei aquela olhada que... nossa senhora! Aí ele começou a falar que era... como é que se diz? Era um homem, mas que não estava fazendo as coisa certa. Ô bicho! Mas ele não foi o primeiro não, já vi... acho que uns seis ou sete...**

Ah e funcionário também, já vi sim, são... Não, eu não digo que são poucos, porque a gente não tem essa... tanta proximidade com quem é funcionário da escola né, não com todos, mas tem uns que sim, já cheguei a presenciar que são bem homofóbicos

7- Como é o contato com os demais alunos da escola?

Olha, pelo menos os que eu falo é excelente. É excelente assim, não tem aquele negócio de... por eu ser o que eu sou, eles deixarem de falar comigo, até porque se deixassem não ia fazer diferença, mas é muito legal, muito legal mesmo, inclusive meus dois melhores amigos, eles são héteros, pelo menos é o que eu acho e... os da escola, nossa são (risos) eu amo, inclusive eu amo demais, demais, por que quando... eu lembro que quando era presencial nossa a gente se juntava, era aquela roda e eles se abriam demais e é até interessante falar sobre por que, eu vou distinguir em relação aos homens e em relação às mulheres. Porquê quando é essa amizade tipo minha com eles, com os meninos. Eles ficam... Eles são muito curiosos com certas coisas sabe? Muito curiosos em praticamente tudo e eles costumam até pedir tanto conselho que eu não sei nem de onde eles tiram que a gente sabe disso. E as meninas elas se sentem... É quase a mesma coisa, só que elas... eu não sei, é uma coisa que elas vê assim “ai, tem um macho do meu lado, mas ele não vai fazer nada porquê é gay, entende, que não se sente tão incomodada em relação a mim. Então é uma coisa muito boa, muito boa mesmo. Às vezes é chato algumas meninas, porque elas acham que a gente sabe... pranchar o cabelo, fazer moda, combinar o sapato com tudo e... não é assim, eu mesmo não entendo porra nenhuma, mas é inclusive até um ponto importante, por que tem muita

mulher acha isso, muita mulher que já vê um gay já chama pra fazer unha, fazer coisa, fazer etc. E fim, e a gente não sabe. **Mas é muito boa, pelo menos as relações que eu tenho são ótimas. Infelizmente não é todo mundo que tem essa relação boa, mas, a minha sim.**

8- Você se sente seguro e acolhido na escola para expressar sua identidade de gênero e orientação sexual?

Não muito, por que mesmo as coisas estando, como é que se diz? Meio que melhorando em relação a isso por um lado, tem muita gente ainda que é... quando vê que a pessoa vai se expressar e tal, já acha que é zuada, já acha que é mimimi e afins e a gente às vezes não se sente tão seguro não. **Porquê expressar isso é... querendo ou não tem que ter muita coragem, sabe? Mas a gente não se cala assim não, querendo ou não a gente se expressa nem que seja da forma mais silenciosa que tem, mas a gente se expressa, mesmo que não seja seguro, mas uma coisa nossa.**

9- Para você como a escola poderia ser mais acolhedora?

Dando a oportunidade da gente expressar principalmente a cultura, porquê ser LGBT não é só ser gay ou bi, lésbica e tal, tem toda uma história, toda uma história, toda uma história, como o primeiro movimento que eu não tô lembrado agora qual era o nome, o nome me escapou, mas eu lembro que teve um movimento que foi feito por Drags nos Estados Unidos e alguma coisa... a cidade alguma coisa com taw, dawn, não sei, mas eles fizeram esse primeiro movimento, foi parte do que, nossa senhora! Ninguém esperou, porquê foi feito por drags, feito por pessoas drags. E pra você ver que..., nossa senhora tanta pessoa morreu, tanta pessoa morreu pra hoje uma conseguir botar o seu nome social, nossa! Acho que se abrisse pra gente falar pelo menos um pouco da história, abriria tanta oportunidade.

10- Com a pandemia e as aulas virtuais, você percebe a homofobia online, nos grupos da escola, nas redes sociais?

Não muito, não percebo muito não, pelo menos nas coisas que eu vejo, não percebo isso muito não, mas eu tenho total certeza de que existe assim por aí, mas em relação a eu ter passado, ter visto, não.

ANEXO II- TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante. Leia com atenção e calma, podendo esclarecer dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assinar, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora.

Justificativa e Objetivos:

Essa pesquisa visa buscar indicadores da ambientação escolar sobre as possíveis relações de diálogo e violência que se estabelecem nesse meio devido às questões de gênero e sexualidade. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar na perspectiva dos alunos, de suas vivências na escola, a existência ou não de preconceitos e violências na ambientação escolar a partir das relações entre gênero, sexualidade e violência. O estudo também almeja perceber os impactos dessa intolerância no cotidiano escolar.

Procedimentos:

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista semiestruturada, constituída por questões norteadoras. Os dados obtidos nessas entrevistas serão analisados pela pesquisadora

Benefícios:

Contribuir para uma avaliação da violência na ambientação escolar.

Sigilo e privacidade:

Esta pesquisa *não revela a identidade do participante*. Você tem a garantia de que nenhuma informação de identificação pessoal será fornecida. Na divulgação da pesquisa os dados serão apresentados sem a identificação dos/as colaboradores da pesquisa. **Seu nome não será citado.**

Desistência:

Caso decida não participar, ou queira a qualquer momento desistir, não sofrerá nenhum dano ou penalização.

Contato: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora: **Ariadine Cristine Gonçalves Ribeiro** (PPGS– UFC), (86) 98807-0887.

Consentimento livre e esclarecido:

Após de esclarecimento sobre a pesquisa, aceito participar:

() Sim. () Não.

Assinatura de autorização